

Sinopse internacional n. 07, set. 2006

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>



www.bndes.gov.br/conhecimento/publicacoes/catalogo/sinopse_intl.asp

Ana Claudia Alem
Bruno Galvão
Fabrício Catermol
Patrícia Zendron
Rodrigo Madeira
Thais Krutman

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL Nº 07 – SETEMBRO 06

1) PANORAMA MUNDIAL

Apesar das dúvidas quanto à intensidade da desaceleração da economia dos EUA permanecerem, os principais indicadores apontam para a manutenção da trajetória de crescimento para a economia global em 2006 e 2007.

O desempenho mundial tem mantido uma tendência de crescimento consistente nos últimos anos acompanhada de uma inflação controlada, a despeito da trajetória de alta das cotações do petróleo, que praticamente triplicaram desde 2003 – ver Gráfico 1.1.

A evolução futura das cotações das *commodities* é considerada incerta pelos analistas – ver a evolução dos preços das *commodities* na Tabela 21 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos. De qualquer forma, a demanda aquecida da China e da Índia deverá continuar aumentando o consumo em 2007, realinhando as cotações em níveis mais elevados. No setor petrolífero, espera-se que a volatilidade das cotações do petróleo permaneça nos próximos meses, mas já se delineia uma tendência de baixa, com a possível estabilização do preço do barril do petróleo entre US\$ 60 e US\$ 70. Os seguintes fatores têm contribuído para a tendência de queda do petróleo: i) a desaceleração da economia norte-americana; iii) a não concretização da Guerra no Líbano; ii) as negociações entre Irã e União Européia sobre o uso de energia nuclear que têm sinalizado para uma solução pacífica; e iii) a alta dos estoques de derivados dos Estados Unidos.

SUMÁRIO

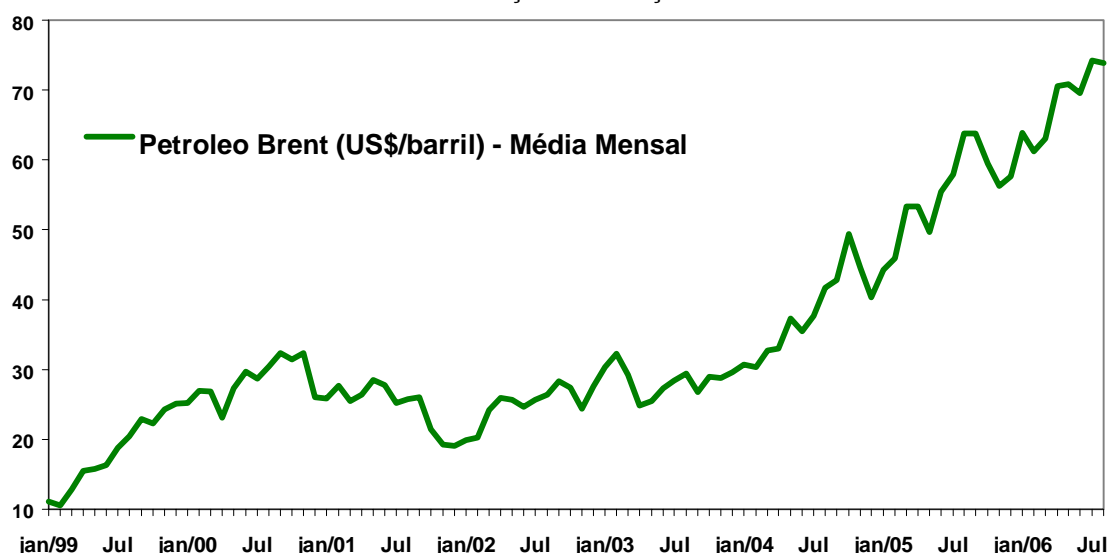
Panorama mundial.....	1
Box: Os IED até 2010.....	5
A economia latino-americana	7
O setor externo.....	7
Box: A evolução dos termos de troca foi heterogênea na região....	8
Box: Exportações para a China superaram US\$ 19 bilhões.....	11
A atividade econômica.....	11
Perspectivas.....	14
O setor externo brasileiro.....	15
Box: As exportações de bens de alta intensidade tecnológica e os gastos em P&D no mundo.....	16
Box: Oito países são responsáveis por 50% das importações mundiais.....	21
Matéria especial: Como tem evoluído a indústria de autoveículos no mundo?.....	23
Box: Perspectivas para a indústria de autoveículos nos próximos anos.....	27
Projeções e indicadores econômicos	32

A Sinopse Internacional é uma publicação trimestral do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Este trabalho é de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, o ponto de vista do BNDES.
Fechamento da edição: 02/10/2006
E-mail: sinopseinternacional@bndes.gov.br
Tel: 55 - 21 - 2172-7369

Para receber a Sinopse Internacional diretamente em seu e-mail, entre em contato conosco.

As projeções para 2006 e 2007 prosseguem apontando para a manutenção do crescimento mundial, marcada pela liderança dos Estados Unidos da América (EUA) e pela China e pela consolidação da retomada da economia japonesa - em um contexto de inflação controlada e redução gradual do desemprego – ver Tabelas 1 e 2 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Apesar do desempenho ainda decepcionante dos países da zona do Euro, a perspectiva é de um melhor desempenho em 2006 e 2007, em comparação com 2005.

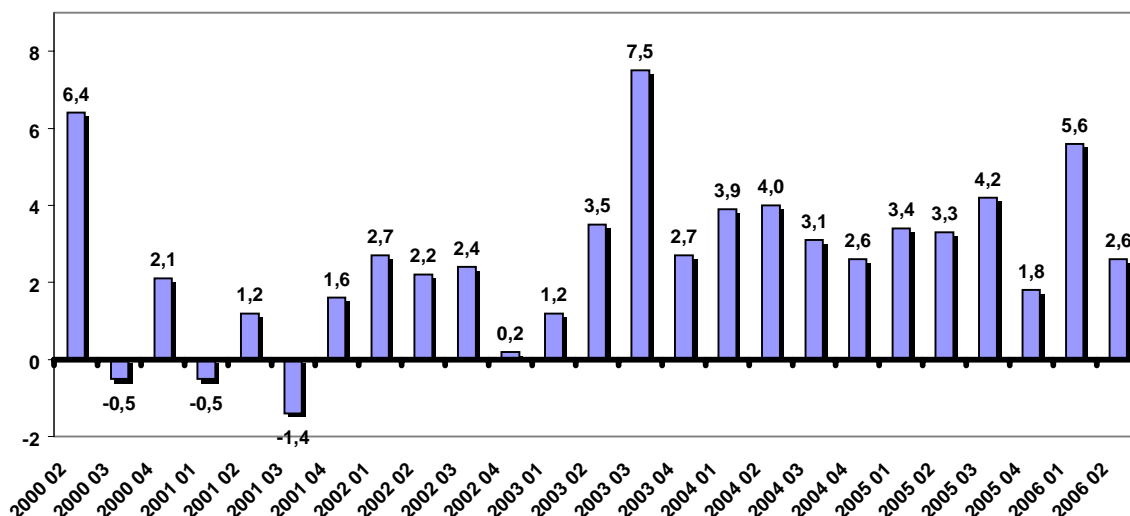
Gráfico 1.1: Evolução das Cotações do Petróleo



Segundo estimativas de diversas instituições, a economia internacional deverá apresentar um crescimento real médio da ordem de 4,0% em 2006 e 2007 - ver a Tabela 1 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Quanto ao comércio mundial, tanto o FMI quanto a OCDE projetam taxas mais altas de crescimento em 2006 e 2007, ante 2005. Para o FMI, o comércio mundial deverá crescer 8,0% e 7,5%, respectivamente, em 2006 e 2007, frente a uma expansão de 7,5% registrada em 2005. A OCDE é mais otimista e trabalha com crescimento de 9,3% e 9,1% para 2006 e 2007, respectivamente.

Segundo o Bureau of Economic Analysis (BEA) dos EUA, o PIB daquele país cresceu em termos reais 2,6% no segundo trimestre de 2006 – número final após a terceira revisão -, expressivamente abaixo dos 5,6% registrados no primeiro trimestre – ver Gráfico 1.2. Para 2006 e 2007, as projeções apontam para uma continuidade da trajetória de crescimento, com o PIB dos EUA apresentando uma expansão da ordem de 3,3% e 3,0%, respectivamente - ver as projeções nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. A taxa de desemprego, por sua vez, deverá manter a trajetória de queda, atingindo algo em torno de 4,7% em 2006 e 2007.

Gráfico 1.2: Crescimento trimestral do PIB dos EUA - variação sobre trim./trim.(-1)
anualizada 2000 - 2006



Os analistas mais pessimistas vêem com particular preocupação a desaceleração do mercado imobiliário dos EUA. A alta valorização dos imóveis e o consumo das famílias têm sido os principais responsáveis pelo crescimento do PIB dos EUA nos últimos anos – cabe destacar que o consumo corresponde à cerca de dois terços do PIB naquele país. A queda da venda de imóveis usados foi de 0,5% em agosto ante julho; em relação a igual mês de 2005, a queda foi de 12,6%. Em relação à venda de imóveis novos, houve um crescimento anualizado de 4,1%, mas em comparação ao resultado de igual mês de 2005, registrou-se uma redução de 17,4%.

Os mais otimistas, por sua vez, acreditam que a queda de 0,5% das vendas de imóveis usados em agosto, abaixo da taxa de 2,1% esperada pelo mercado, apenas teria apontado para uma desaceleração do setor, sem grandes sobressaltos. Além disso, a venda de imóveis novos em agosto apresentou uma recuperação considerável: cresceu 4,1% depois de uma queda de 7,5% em julho. Ademais, a decisão do FED de manter estáveis as taxas de juros em 5,25% ao ano, garantiria o “pouso” suave da economia norte-americana em 2006. O FED começou a elevar os juros na reunião de junho de 2004: do recorde de baixa de 1,0%, passou a aumentar as taxas mensalmente. Foram 17 elevações de 0,25 p.p. até os atuais 5,25%.

Alguns indicadores recentemente divulgados parecem corroborar a tese do “pouso” suave da economia do EUA. Em setembro, segundo o Conference Board, o índice de confiança do consumidor norte-americano aumentou do número revisado de 100,2 em agosto para 104,5, acima do esperado pelo mercado cuja projeção era de uma subida menor, para 103,0. A queda nos preços de energia foi a principal causa do aumento da confiança do consumidor nos EUA.

O Instituto para Gestão de Oferta (ISM) anunciou uma queda de 54,5 em agosto para 52,9 em setembro do índice de atividade industrial nacional dos gerentes de compras dos EUA, número ligeiramente inferior às expectativas de mercado, que eram de 53,5 pontos. Ao contrário de algumas expectativas mais pessimistas, o índice não mostrou uma forte retração, o que se confirmou pelo desempenho dos componentes de produção - queda de 56,6 pontos para 56,1 - e novas encomendas - estável em 54,2 pontos - que em grande medida sustentaram seus patamares anteriores. A queda do índice de preços pagos (de 73,0 para 61,0) e a redução dos estoques no setor (de 50,2 para 46,4), por sua vez, ratificaram um ambiente inflacionário controlado e

uma reversão na trajetória dos últimos meses de crescimento dos estoques. Entretanto, o componente de empregos mostrou um recuo importante, de 54,0 pontos em agosto para 49,4 pontos em setembro. Vale destacar que os índices de estoques e novas encomendas podem ser considerados indicadores antecedentes, assim, o bom resultado destas variáveis em agosto favorecem um nível de atividade mais positivo para indústria no futuro.

Quanto ao mercado imobiliário, a Associação Nacional dos Corretores de Imóveis dos EUA (NAR) anunciou um aumento anualizado de 4,3% - com ajuste sazonal - do indicador de vendas pendentes de residências em agosto, frente a julho. O número foi melhor do que o esperado pelo mercado, que após a queda de 7,0% observada em julho, projetava uma variação nula do índice em agosto. A percepção é de que as vendas de imóveis tenham atingido o menor nível em agosto e que o índice possa ficar relativamente estável nos próximos dois meses.

Em relação à inflação, o núcleo do índice de preços dos gastos com consumo pessoal que exclui os preços de energia e alimentos apresentou uma variação de anualizada de 2,5% em agosto, acima da alta de 2,3% registrada em julho.

No que diz respeito ao continente asiático, segundo o Escritório Nacional de Estatísticas da China, houve um crescimento real de 10,9% do PIB no segundo trimestre de 2006, ante igual período do ano anterior. O destaque de crescimento foi o PIB da indústria, com crescimento de 13,2% no período. Os indicadores mais recentes mostram a manutenção das altas taxas de crescimento. Em agosto, a produção industrial apresentou uma expansão de 15,7% em relação a igual mês de 2005. No acumulado no ano até agosto, a produção industrial registrou um crescimento de 17,3%. A formação bruta de capital fixo aumentou 29% de janeiro a agosto de 2006, frente a igual período de 2005. Em 2006 e 2007, a média das estimativas aponta para a manutenção do crescimento real do PIB chinês em altos patamares, da ordem de 9% a 10%, acompanhada de taxas de inflação sob controle, em torno de 2,0 a 3,0% - ver as Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

Segundo a OCDE, o PIB do Japão apresentou um crescimento real de 2,2% no segundo trimestre de 2006, ante igual período de 2005. Apesar de o número ter sido menor do que o crescimento de 3,4% registrado no primeiro trimestre de 2006, permanece o otimismo em relação ao desempenho da economia japonesa. Após ter crescido 2,7% em 2005, a média das projeções aponta para uma taxa de crescimento real do PIB da ordem de 2,9% e 2,7% em 2006 e 2007, respectivamente - ver as Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Com a consolidação do crescimento japonês, a taxa de desemprego que atingiu 4,4% em 2005, deverá cair para 4,0% em 2006 e 3,5% em 2007. Caso estes números se confirmem, a redução do desemprego será expressiva em relação ao pico de 5,4% atingido em 2002. A inflação medida pelo índice de preços ao consumidor deverá acumular uma taxa de 0,7% e 0,8%, em 2006 e 2007, respectivamente. Em 14 de julho o Banco do Japão aumentou as taxas de juros de zero para 0,25% - não havia aumento desde agosto de 2000. A decisão foi tomada após serem definitivamente eliminados os riscos de um novo período de deflação. A inflação acumulada de janeiro a agosto foi de 0,9%.

Na Índia, os indicadores de nível de atividade prosseguem em alta. Após um crescimento real de 8,1% em 2005, as projeções do Asian Development Bank (ADB) apontam para um crescimento real do PIB um pouco menor em 2006 e 2007, de 7,6% e 7,8%, respectivamente - ver outras projeções nas tabelas iniciais da Seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Projeta-se uma inflação acumulada da ordem de 5,0% em 2006 e 2007. As taxas de juros básicas da economia encontram-se atual-

mente em torno de 6,0% ao ano, o que tem contribuído para o aumento da demanda agregada da economia.

Na zona do euro, as projeções são mais otimistas em relação ao desempenho em 2006 e 2007, após a taxa de crescimento de 1,5% em 2005. Conforme os dados da OCDE, no segundo trimestre de 2006, a zona do euro cresceu 0,9% - taxa com ajuste sazonal – em comparação ao primeiro trimestre. Em termos anualizados, o crescimento foi de 3,7% no segundo trimestre de 2006: a taxa mais alta observada desde o segundo trimestre de 2000. Em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior, o crescimento do PIB da zona do Euro foi de 2,4%, o que representou uma aceleração do crescimento em relação à taxa de 2,0% registrada no primeiro trimestre de 2006. No segundo trimestre, o destaque de crescimento foi a França: em relação ao primeiro trimestre, a expansão com ajuste sazonal foi de 1,2%; e em comparação ao mesmo trimestre de 2005, a taxa foi de 2,6% - uma taxa expressiva quanto se tem em conta que a variação tinha sido de 1,5% no primeiro trimestre de 2006. O PIB alemão, por sua vez, também teve um desempenho expressivo com crescimento de 0,9% e 2,4%, respectivamente, nos dois tipos de comparação.

As instituições consultadas apontam em média para taxas de crescimento da zona do Euro de 2,2% e 2,1%, em 2006 e 2007, respectivamente – ver seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Segundo a OCDE, o melhor desempenho do PIB levará a uma redução das taxas de desemprego da região dos 8,6% registrados em 2005, para 8,2% em 2006, e 7,9% em 2007. O maior crescimento deverá ser liderado pela Alemanha e França, as duas maiores economias do bloco. Em relação à Alemanha, a OCDE espera taxas de expansão do PIB de 1,8% e 1,6%, respectivamente, em 2006 e 2007. A OCDE também projeta taxas de desemprego menores para a Alemanha: de 8,5% e 8,1%, respectivamente, em 2006 e 2007, ante os 9,1% registrados em 2005. Quanto à França, a OCDE projeta uma expansão do PIB de 2,1% e 2,2%, em 2006 e 2007, respectivamente. A taxa de desemprego na França deverá cair dos 9,9% em 2005, para 9,5% e 9,2%, respectivamente, em 2006 e 2007.

Em relação à inflação na zona do Euro, projeta-se uma variação acumulada dos índices de preço ao consumidor de 2,1% e 2,0% para 2006 e 2007, respectivamente.

No que diz respeito às economias da América Latina e o Caribe, para 2006 e 2007, as projeções apontam para um crescimento real médio de 4,6% e 4,1%, respectivamente – ver Tabelas 1 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”; para uma análise detalhada da região, ver a seção “A economia latino-americana”.

A evolução dos Investimentos Externos Diretos (IED) até 2010

A Economist Intelligence Unit (EIU) e a Universidade de Colúmbia divulgaram em setembro de 2006 um amplo relatório com projeções para a evolução dos Investimentos Externos Diretos (IED) até 2010. Após três anos de quedas consecutivas em 2001, 2002 e 2003, os IED apresentaram uma expressiva recuperação em 2004 e 2005 – ver Tabela 19 da seção “Projeções e indicadores econômicos”, os dados definitivos para o ano passado deverão ser divulgados pela UNCTAD em seu “World Investment Report”, a ser publicado no dia 16 de outubro.

As projeções elaboradas conjuntamente pelo EIU e Columbia apontam para um vigoroso crescimento de 22% dos IED em 2006. A partir de então, os IED continuariam crescendo, mas a taxas desaceleradas, atingindo o montante de US\$ 1,4 trilhão em

2010 – ver Tabela 1.1. Caso as projeções se confirmem, os fluxos mundiais de IED retornarão em 2010 ao patamar atingido em 2000.

Ao contrário do que ocorreu nos anos de 2004 e 2005, a expansão a partir de 2006, deverá ser liderada pelo crescimento dos fluxos de IED para os países desenvolvidos. Em 2006, os IED para estes países deverão crescer 36%, frente a um crescimento de apenas 3,0% dos fluxos para os mercados emergentes. As projeções apontam para taxas de crescimento dos IED para os países desenvolvidos sempre superiores às dos fluxos para os mercados emergentes, no período de 2006 a 2010. Caso isto se confirme, os países desenvolvidos continuarão sendo os principais receptores de IED, com sua participação no total aumentando de 65% em 2006, para 70% em 2010. O principal receptor de IED dentre os países desenvolvidos será os EUA, seguido do Reino Unido, França, Países Baixos e Alemanha.

Tabela 1.1: Evolução dos Fluxos de Investimento Externo Direto - em US\$ bilhões

	2006	2007	2008	2009	2010
Total Mundial	1165,0	1222,5	1285,3	1342,9	1407,3
Tx. Cresc.	22,0	4,9	5,1	4,5	4,8
Países Desenvolvidos	754,3	814,8	880,7	929,0	979,4
Tx. Cresc.	35,8	8,0	8,1	5,5	5,4
% do Total Mundial	64,7	66,7	68,5	69,2	69,6
Mercados Emergentes	410,7	407,7	404,6	413,9	427,9
Tx. Cresc.	2,9	-0,7	-0,8	2,3	3,4
% do Total Mundial	35,3	33,3	31,5	30,8	30,4

Fonte: "World investment prospects to 2010: boom or backlash?", setembro de 2006.

Estima-se que os IED na China tenham atingido o montante de aproximadamente US\$ 80 bilhões em 2006. A perspectiva é que o país continue sendo o principal mercado emergente receptor de IED no período analisado.

No *ranking* mundial, a China deverá ser o terceiro país receptor de IED, perdendo apenas para os EUA e o Reino Unido – ver Tabela 1.2. O Brasil aparece como o décimo-sétimo colocado.

Tabela 1.2: Os 20 principais receptores mundiais de IED - média do período 2006/10

Países	Valor (US\$ bi)	% total Mundial	Países	Valor (US\$ bi)	% total Mundial
1-US	298,1	23,2	11-Itália	24,6	1,9
2-UK	89,4	7,0	12-Suécia	22,4	1,7
3-China	85,7	6,7	13-Cingapura	22,3	1,7
4-França	69,9	5,5	14-Rússia	21,9	1,7
5-Países Baixos	50,4	3,9	15-Irlanda	20,3	1,6
6-Alemanha	39,5	3,1	16-México	19,1	1,5
7-Canadá	38,3	3,0	17-Brasil	18,2	1,4
8-Bélgica	33,8	2,6	18-Austrália	13,3	1,0
9-Hong Kong	33,3	2,6	19-Índia	11,6	0,9
10-Espanha	28,8	2,2	20-Suíça	10,6	0,8

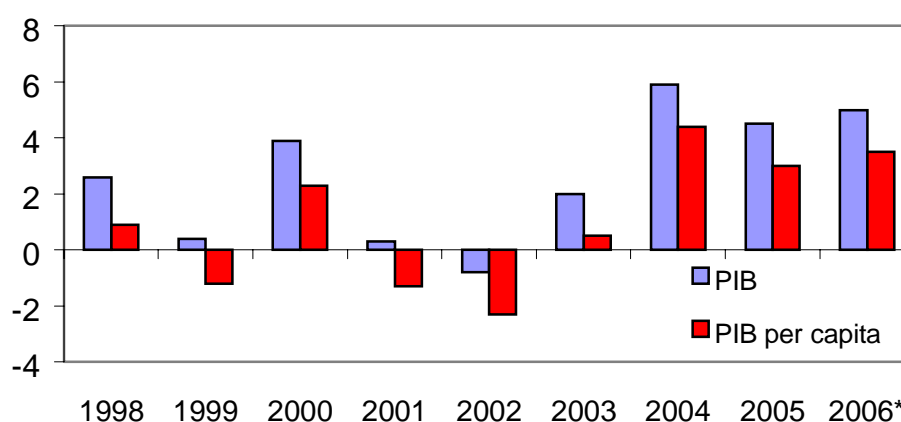
Fonte: "World investment prospects to 2010: boom or backlash?", setembro de 2006.

2) A ECONOMIA LATINO-AMERICANA

O desempenho da economia da América Latina e Caribe continua a ser satisfatório. Em 2005, o PIB da região cresceu 4,5%, após ter se expandido 5,9% em 2004. No primeiro trimestre de 2006, o crescimento foi de 5,5%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

O FMI e a CEPAL têm expectativas otimistas para a economia latino-americana para 2006 e 2007. No caso de 2006, a CEPAL espera que a região cresça 5,0% (ver gráfico 2.1). Se for confirmado esse crescimento, o PIB per capita da região terá se expandido em média 2,8% ao ano, os últimos 4 anos o que é bastante significativo quando comparado com o desempenho da economia da região no período recente.

Gráfico 2.1 – Taxa de crescimento da região desde 1998



* Estimativa da CEPAL
Fonte: CEPAL

Além disso, o crescimento econômico vem sendo acompanhado pela redução dos indicadores de vulnerabilidade externa, pela queda da inflação, do desemprego, do déficit público e por taxas de juros relativamente baixas para a região. E, ao contrário do início da recuperação econômica, em 2005, o crescimento vem sendo liderado pela demanda interna.

2.1) Setor Externo

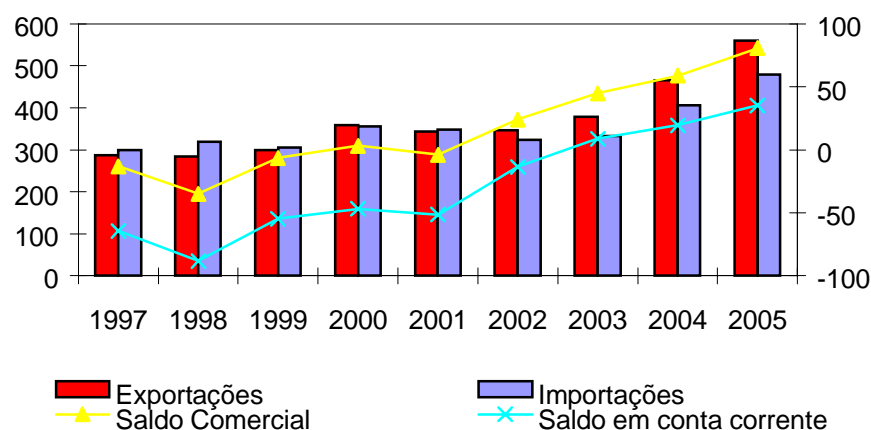
Nos últimos anos, houve uma expressiva melhora das contas externas (aumento das exportações, expansão do superávit em conta corrente e diminuição da dívida externa) com consequências positivas para o desempenho econômico da região, tanto por ser uma fonte de demanda, quanto por ampliar a autonomia da política econômica.

Em 2005, o volume de exportações aumentou 7,7%, após ter crescido 9,8% em 2004. Apesar de ser uma taxa elevada, esse crescimento foi inferior ao do volume de importações, que se expandiu 10,8% em 2005 e 14,6% em 2004. Isso sinaliza que a demanda interna teve um papel importante para explicar a expansão da demanda total da economia.

Por outro lado, o aumento médio dos preços dos bens exportados (11,7% em 2005) foi bem superior ao dos preços importados (6,4%). Por isso, pelo quarto ano consecutivo a taxa de crescimento do valor exportado foi maior do que o das importações. Isso resultou em aumento de 20,3% do valor das exportações da América Latina e Caribe, que passaram de US\$ 465 bilhões em 2004 para US\$ 560 bilhões em 2005.

As importações, por sua vez, aumentaram 17,9%, alcançando US\$ 479 bilhões em 2005. Dessa forma, o saldo comercial aumentou de US\$ 59 bilhões em 2004 para US\$ 81 bilhões.

Gráfico 2.2 – Contas externas na América Latina



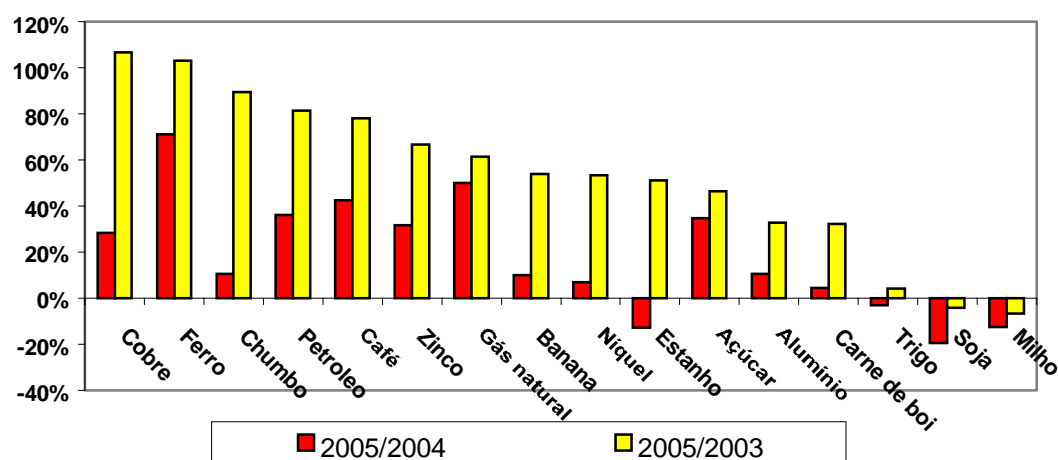
Fonte: CEPAL

Pode-se observar no gráfico 2.2 que a trajetória do saldo comercial e do saldo em conta corrente são similares. Isso ocorre porque a tendência de crescimento da renda líquida enviada ao exterior foi contrabalançada pelo aumento contínuo das transferências unilaterais. Esta conta foi responsável pela geração de US\$ 49 bilhões de divisas para América Latina em 2005, um crescimento de 17,7% em relação a 2004. Em contraste, a balança de renda apresentou um saldo negativo de US\$ 75 bilhões em 2005, uma expansão de 13,7% em comparação com o ano anterior.

A evolução dos termos de troca foi bastante heterogênea na região

Em 2005, os termos de troca continuaram a crescer favoravelmente à América Latina e Caribe. Houve uma melhora de 5,7% nos termos de troca para a região em 2005, após a alta de 5,2% em 2004 e 2,1% em 2003. O forte aumento da demanda por *commodities*, principalmente pela China, provocou um expressivo aumento dos preços dos produtos básicos exportados pela América Latina e Caribe. Contudo, em 2005, a heterogeneidade dessa melhora dos termos de intercâmbio aumentou.

Pode-se notar pelo gráfico 2.3 abaixo, referente ao período de 2003 a 2005, que o aumento dos preços das *commodities* minerais e combustíveis foi bem mais elevado do que o das *commodities* agrícolas. Dessa forma, os países cujos principais produtos da pauta de exportação são minérios e combustíveis foram os principais beneficiários das variações de preços internacionais. A Venezuela, Equador e Chile foram os que apresentaram maior variação favorável dos termos de troca, de respectivamente, 30,8%, 15% e 11,9%. É interessante notar que os termos de troca do Chile tiveram uma expressiva melhora, mesmo o país sendo importador de petróleo. Em contrapartida, o Chile é grande exportador de produtos minerais, principalmente cobre.

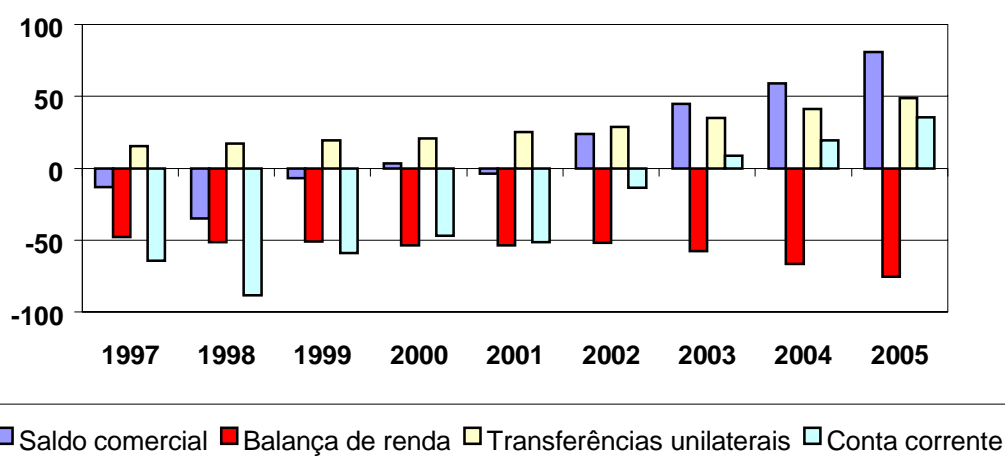
Gráfico 2.3 – Variação dos preços em dólares de *commodities* entre 2003 e 2005

Fonte: FMI

Por outro lado, os países da América Central, o Paraguai, o Uruguai e a Argentina apresentaram queda dos termos de troca em 2005, por serem exportadores de produtos agrícolas e, no geral, importadores de combustíveis. Regionalmente, a América do Sul foi a que teve maior alta dos termos de troca (6,5% em 2005), apesar do Uruguai e o Paraguai serem os países da América Latina que apresentaram as maiores quedas dos termos de intercâmbio. Os termos de troca do México tiveram um aumento de 2,9% e da América Central, uma queda de 3,3%.

Como consequência do expressivo aumento do saldo comercial, o resultado em conta corrente, que tradicionalmente é deficitário na região, tem registrado sucessivos e crescente superávits (ver gráfico 2.4). Enquanto entre 1997 e 2001, o déficit em conta corrente da América Latina variou de 2,7% a 4,4% do PIB, em 2005, a região teve um superávit de 1,5% do PIB, ou seja, US\$ 35 bilhões.

Gráfico 2.4 – Evolução da estrutura da conta corrente (US\$ bilhões)

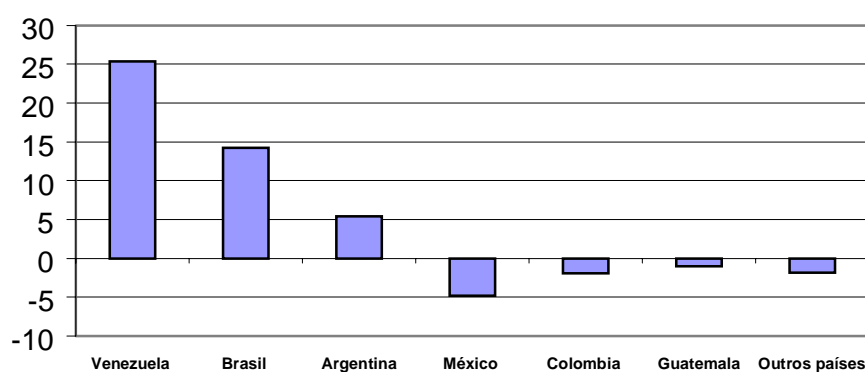


Fonte: CEPAL

O aumento do saldo em conta corrente ocorreu nas três principais economias da região. Contudo, essa sucessão de superávits não é um fenômeno generalizado. O México, a Colômbia e as principais economias da América Central, com exceção da República Dominicana, registraram déficits em conta corrente em 2003, 2004 e 2005. Contudo, esses déficits foram em geral bem menores do que no período anterior.

O superávit em conta corrente em 2005 deveu-se basicamente aos superávits da Venezuela, Brasil e Argentina, como pode ser observado no gráfico 2.5. Entre 2003 e 2005, os países que tiveram maior superávit em conta corrente foram: Venezuela (US\$ 50,6 bilhões acumulados no período), Brasil (US\$ 30,0 bilhões) e Argentina (US\$ 16,7 bilhões). Deve-se destacar, que o Brasil e a Argentina registravam elevados e seguidos déficits em conta corrente até 2001.

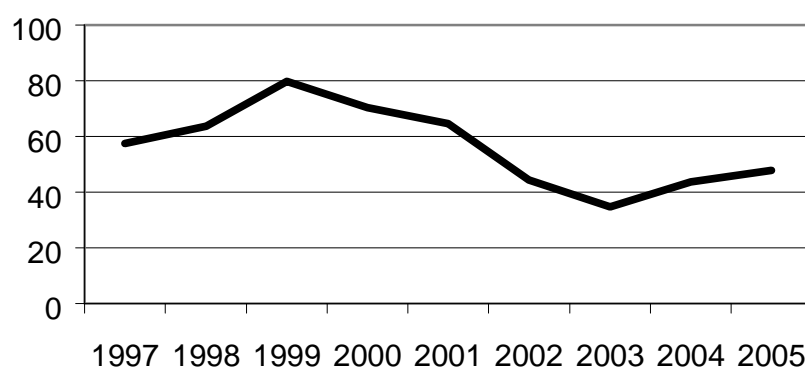
Gráfico 2.5 – Maiores superávits e déficits em conta corrente em 2005



Fonte: CEPAL

Em contraste com os inéditos superávits em conta corrente, o investimento externo direto, apesar de ter crescido 9,7% em 2005 em relação ao ano anterior e ter atingido US\$ 47,8 bilhões, ainda é bem inferior ao do final dos anos 1990 (ver gráfico 2.6).

Gráfico 2.6: Evolução do investimento direto líquido na América Latina e Caribe



Fonte: CEPAL

Em 2005, os principais receptores de investimento externo direto foram: Brasil (US\$ 12,6 bilhões), México (11,9 bilhões) e Colômbia (US\$ 5,6 bilhões).

Exportações latino-americanas para a China superaram US\$ 19 bilhões em 2005

A China é o país que lidera o dinamismo da Ásia no cenário mundial, que se expressa no crescimento econômico, no comércio exterior, nos investimentos externos diretos e nas inovações tecnológicas. Em 2005, a China cresceu 10,5% e tornou-se a quarta maior economia no mundo (depois de Estados Unidos, Japão e Alemanha). No comércio internacional de mercadorias, a China passou a ocupar a terceira colocação.

O dinamismo chinês se refletiu no intercâmbio comercial com a América Latina e o Caribe. De acordo com o relatório “Panorama da inserção internacional da América Latina e do Caribe, 2005-2006”, divulgado em setembro pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a China passou a ser um dos principais mercados para as exportações de diversos países da região.

Em 2005, as exportações para a China superaram US\$ 19 bilhões, representando cerca de 3,5% das vendas externas da América Latina e o Caribe. Os principais exportadores foram, respectivamente, Brasil, Chile, Argentina, Peru e México. Considerando a participação nas vendas externas por país, Chile (11,1%) e Peru (10,7%) são os países que tem a China como parceiro comercial mais relevante (em contraste, o Brasil destina 5,8% das suas exportações para o mercado chinês e o México apenas 0,5%).

A pauta de exportação concentra-se em produtos primários. A América Latina e o Caribe respondem por 60% das importações chinesas de soja (principalmente do Brasil e da Argentina), 80% da farinha de peixe (Peru e Chile), cerca de 70% de partes e peças de frango (Argentina e Brasil) e 45% de vinhos e uvas (Chile).

Com a América do Sul, prevalece uma relação de complementaridade: em contrapartida às exportações de produtos primários, a região importa produtos manufaturados chineses, destacando-se o superávit comercial dos países sul-americanos. Por sua vez, México e os países da América Central competem com produtos chineses no mercado norte-americano e registram crescentes déficits comerciais com a China.

A expectativa é que a economia chinesa continue crescendo a taxas muito elevadas em 2006 e 2007, da ordem de 9% a 10% ao ano. Para CEPAL, a América Latina e o Caribe deveriam aproveitar o potencial oferecido pela demanda expressiva e crescente da China por bens e serviços latino-americanos. Além de produtos primários, a região poderia explorar a possibilidade de integrar as cadeias produtivas chinesas, exportando também produtos de maior valor agregado e maior conteúdo tecnológico.

2.2) Atividade econômica

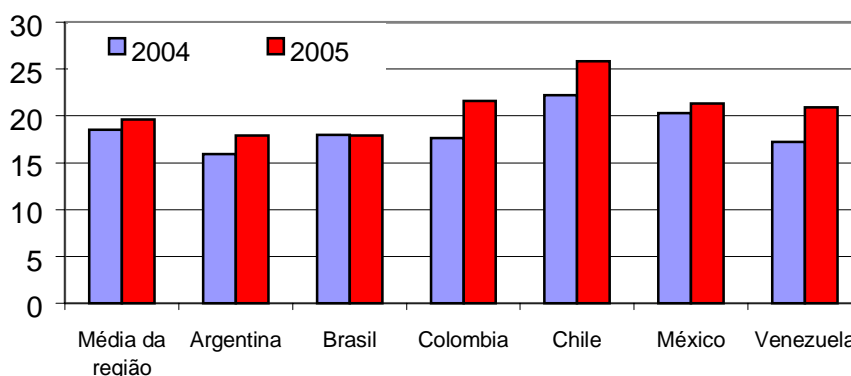
Pela primeira vez nos últimos 8 anos, todos os países da América Latina apresentaram crescimento. Os países que apresentaram maior taxa de crescimento em 2005 foram: Cuba (+11,8%), Venezuela (+9,3%), Argentina (+9,2%) e República Dominicana (+9,2%).

Esse crescimento econômico foi liderado pela demanda interna, que cresceu 5,1%, o que foi levemente superior ao crescimento do PIB da região. Apesar da contribuição das exportações ao PIB ter apresentado um forte crescimento (+8,4%), ele foi inferior à expansão da contribuição negativa da expansão das importações (+11,4%).

O componente da demanda agregada mais dinâmico foi a formação bruta de capital fixo, que cresceu a taxa de dois dígitos em 2005 e atingiu o nível mais alto des-

de 1999, 19,6% do PIB (ver gráfico 2.7). Entre as principais economias da região, as maiores taxas de investimento em 2005 foram Chile (25,8% do PIB), Colômbia (21,6%) e México (21,3%) e as que apresentaram maior crescimento do investimento em relação a 2004 foram Argentina (+23%), Chile (+24%), Colômbia (+29%) e Venezuela (+33%).

Gráfico 2.7 – Formação bruta de capital fixo nas principais economias (% do PIB)



Fonte: CEPAL

Os setores da economia que apresentaram maior crescimento foram: transporte e comunicações (+7,7%), construção (+6,4%) e comércio (+5,6%). Os setores de produção mineral, industrial e agropecuário, cresceram, respectivamente, 3,6%, 3,2% e 2,2%.

No primeiro trimestre de 2006, a taxa de crescimento na América Latina e Caribe se acelerou para 5,5% em comparação com o primeiro trimestre de 2005. Em relação ao último trimestre de 2004, o crescimento foi de 1,4% na série dessazonalizada. Essa aceleração foi resultado principalmente do aumento da taxa de crescimento nas duas maiores economias da região – México e Brasil.

O crescimento econômico possibilitou uma apreciável redução do déficit público da América Latina e Caribe. Em 2005 houve um aumento da participação do gasto público e da arrecadação no PIB. Contudo, o superávit primário aumentou de 0,6% do PIB para 1,4% do PIB. A taxa de juros real média, apesar de ter tido um leve aumento, continua baixa para os padrões da região. Alguns países, como a Argentina, Venezuela, Guatemala e a Costa Rica, tem mantido persistentemente uma taxa de juros real negativa. O Brasil é uma exceção em relação à média, tendo em vista o patamar ainda elevado de suas taxas de juros, apesar da redução gradual das taxas básicas em andamento.

Por causa do superávit primário e das taxas de juros razoavelmente baixas, o déficit público da região passou de 1,9% em 2004 para 1,2% em 2005, o que foi o menor valor desde 1998. Apesar da melhora, apenas o Chile, a Venezuela, o Panamá e a Argentina apresentaram superávit do setor público.

Como resultado do crescimento do PIB e da queda do déficit público, a relação dívida do setor público não financeiro sobre o PIB foi reduzida significativamente, passando de 55,9% em 2004 para 48,6% em 2005. A redução mais forte ocorreu na Argentina, cuja dívida caiu de 132,5% do PIB em 2004 para 78,4% em 2005.

O significativo crescimento econômico tem se refletido na queda da taxa de desemprego. De acordo com a CEPAL, a taxa de desemprego urbano aberto na América Latina e Caribe caiu de 10,2% em 2004 para 9,1% em 2005, atingindo o menor valor desde 1997. Entre os 21 países da região para os quais a CEPAL divulgou os dados de desemprego, apenas na Costa Rica e em El Salvador houve aumento na taxa de desemprego, o que demonstra o bom desempenho econômico da região.

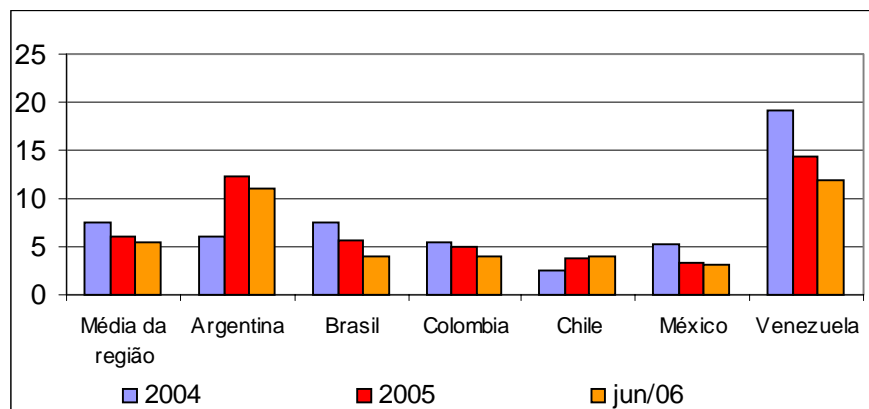
A melhora das contas externas resultou em uma valorização real de 8,3% da taxa de câmbio, apesar das intervenções no mercado de câmbio. Em 2005, as reservas internacionais na América Latina e Caribe aumentaram em US\$ 35,3 bilhões.

A valorização cambial foi maior na América do Sul (10,1%), com destaque para o Brasil (20,1%), Chile (12,4%), Uruguai (9,8%) e Colômbia (8,3%). Por outro lado, alguns países, como a Argentina e a Venezuela, demonstraram empenho para evitar uma valorização cambial. As compras líquidas de moeda estrangeira pelos bancos centrais desses países foram de 4,5% e 4,0% do PIB, respectivamente. Na Argentina, a política cambial manteve-se intervencionista em 2006. No primeiro semestre deste ano, o banco central adquiriu 6,3 bilhões de dólares.

No primeiro semestre de 2006, houve uma desvalorização real do câmbio de 2,8% em média na região. Os países que apresentaram as maiores desvalorizações desse período foram: Colômbia (12,7%), México (10,3%) e Chile (8,2%). A desvalorização da moeda colombiana em 2006 é resultado da deterioração do saldo em conta corrente do país, enquanto no México foi causada pela flexibilização de sua política monetária.

A inflação continua em queda (ver gráfico 2.8). A variação do índice de preços ao consumidor caiu de 7,4% em 2004 para 6,1% em 2005 e para 5,5% no acumulado em 12 meses até junho de 2006. Os países que apresentaram as menores taxas de inflação anualizada em junho de 2006 foram: Peru (1,8%), República Dominicana (2,4%), Equador (2,8%), Panamá (3,1%) e México (3,2%). Por outro lado, os países com as maiores taxas de inflação foram: Haiti (14,1%), Suriname (14,0%), Costa Rica (12,4%), Venezuela (11,8%) e Argentina (11,0%). Apesar desses países apresentarem inflação de dois dígitos, em todos eles a inflação acumulada em 12 meses até junho de 2006 foi menor do que a de 2005, mostrando que a tendência de queda da inflação na América Latina e Caribe tem sido generalizada.

Gráfico 2.8 – Inflação acumulada em 12 meses nas principais economias da região



Fonte: CEPAL

2.3) Perspectivas

A CEPAL e o FMI mantêm expectativas otimistas quanto à evolução da economia latino-americana nos próximos anos. Em 2006, o crescimento poderá atingir 5,0%, próximo ao crescimento mundial estimado em 5,1% pelo FMI. Para 2007, ambas as instituições prevêm desaceleração e uma taxa de crescimento entre 4,2% e 4,5%, frente a um crescimento mundial estimado em 4,9%. Segundo o FMI, Argentina, Venezuela e Peru devem liderar o crescimento em 2006. Para 2007, a expectativa é que Argentina e Chile terão as expansões mais relevantes.

O crescimento previsto é favorecido pela perspectiva otimista para economia mundial (ver seção “Panorama Mundial”) e para as condições de financiamento no mercado internacional. Segundo projeções da CEPAL, o volume exportado aumentará entre 7% e 8%, crescimento superado apenas pela China.

No entanto, a expansão tende a se generalizar e a demanda doméstica promete ser o componente mais dinâmico. Segundo o FMI, o consumo doméstico responderá por mais de dois terços do crescimento da região em 2006 e 2007. O investimento privado acompanhará esta expansão. A desaceleração em 2007 decorre do menor crescimento mundial, da evolução dos preços das *commodities* e da acomodação de países com crescimento acelerado.

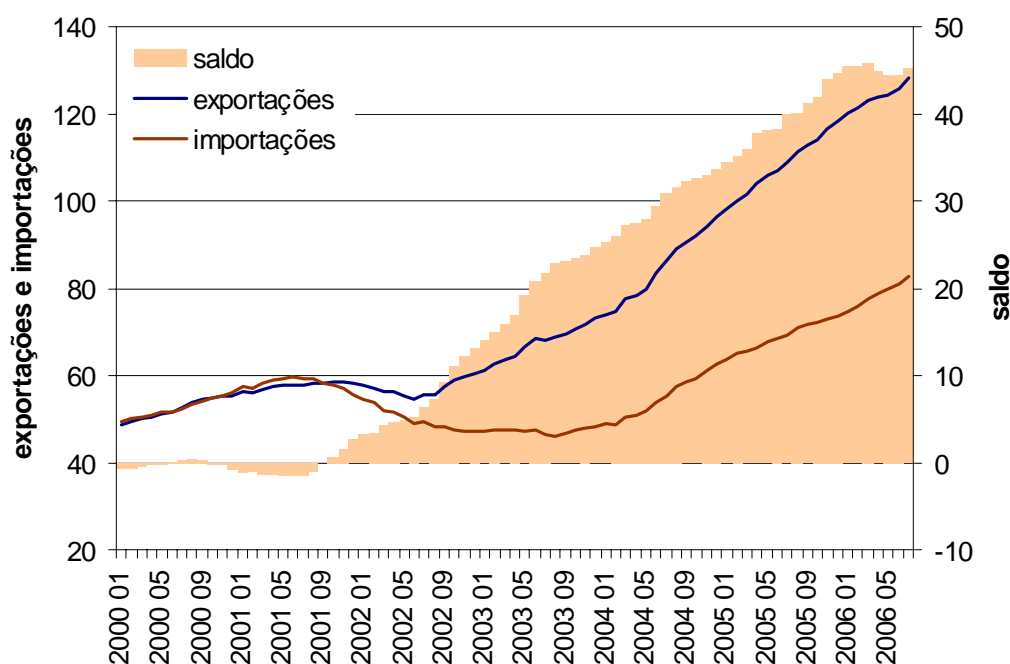
Por fim, ainda que as instituições reconheçam que há riscos que podem afetar o cenário apresentado – reversão da liquidez internacional, forte desaceleração da economia norte-americana e a volatilidade dos preços das *commodities* – a percepção é de que as economias latino-americanas estão mais preparadas para enfrentar eventuais choques, tanto em termos de sua vulnerabilidade externa quanto fiscal. A trajetória de crescimento não deverá sofrer mudanças significativas no futuro próximo.

3) O SETOR EXTERNO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Nos primeiros sete meses de 2006, as exportações brasileiras atingiram US\$ 74,5 bilhões, o mais alto valor já obtido para iguais períodos da história da economia brasileira. As importações foram de US\$ 49,4 bilhões e o saldo comercial, de US\$ 25,1 bilhões, valores que também constituem recordes. A corrente de comércio apresentou crescimento de 18,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

Desde 2002, as exportações brasileiras ultrapassaram as importações apresentando uma tendência de saldos positivos na balança comercial – ver gráfico 3.1. De janeiro a julho de 2006, as exportações cresceram 15,1%, e as importações 23,3% frente ao mesmo período de 2005, ou seja, observou-se uma elevação das importações maior do que as exportações. Entretanto, o saldo da balança comercial brasileira ainda não foi comprometido, permanecendo em níveis superiores a todos os anos anteriores. As exportações continuaram a apresentar um valor absoluto suficientemente alto para que fosse mantido o elevado superávit comercial, a despeito do crescimento das importações.

Gráfico 3.1 Balança comercial brasileira: acumulada em 12 meses de 2000 a 2006 (em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC

No acumulado de 12 meses até julho de 2006, as exportações somaram US\$ 128,1 bilhões, com crescimento de 17,6% em relação ao período entre agosto de 2004 e julho de 2005. As importações foram de US\$ 82,9 bilhões, com crescimento de 20,0% para o mesmo período anterior. Ambos os valores foram recordes para o acumulado até o sétimo mês de 2006. Houve crescimento de 13,5% no superávit da balança comercial, no valor de US\$ 45,2 bilhões; o saldo aumentou US\$ 5,4 bilhões em valores absolutos. A corrente de comércio atingiu o valor de US\$ 211,0 bilhões em períodos de 12 meses, uma cifra inédita para este intervalo de tempo.

As exportações brasileiras, desde o início de 2006, vêm apresentando aumentos em todas as categorias de valor agregado. Os produtos básicos, manufaturados e semimanufaturados registraram aumentos de, respectivamente: 16,3%, 14,6% e 10,9% em relação ao mesmo período de 2005, e um volume total de US\$ 21,7 bilhões, US\$ 40,8 bilhões e US\$ 10,2 bilhões.

Dentre os produtos básicos, o crescimento mais expressivo, nos primeiros sete meses do ano frente ao mesmo período do ano anterior, foi verificado nas vendas de petróleo bruto (70,2% e um volume total de US\$ 3.406,1 milhões), que teve como principais compradores Estados Unidos, Bahamas, Chile e Portugal. Contudo, o produto com maior volume de exportações entre os básicos foi o minério de ferro com um total de US\$ 4.883,3 milhões, resultando em um aumento de 31,1%.

Nos manufaturados, os principais produtos apresentaram crescimento em relação ao mesmo período de 2005: automóveis (+9,1%; no total de US\$ 2.663,3 milhões), autopeças (+19,1%; no total de US\$ 1.636,8 milhões), aparelhos transmissores e receptores (+6,3%; US\$ 1.615,4 milhões) e aviões (+3,4%; US\$ 1.602,0 milhões).

As exportações de bens de alta intensidade tecnológica e os gastos em P&D no mundo

Segundo informações do World Development Indicators 2006, as exportações mundiais de bens de alta intensidade tecnológica foram superiores a US\$ 1,4 trilhão em 2004, o que representou cerca de 15% dos produtos comercializados no mercado internacional.

Os Estados Unidos são os maiores exportadores desses bens, alcançando US\$ 216 bilhões em 2004, ou seja, 32% de suas vendas de manufaturados. A participação dos gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) no PIB dos Estados Unidos foi elevada (2,6%), sendo superada apenas por Israel, Suécia, Finlândia, Japão e Coreia do Sul – ver tabela 3.1.

Entretanto, nem todos os países com alta participação de exportações de bens intensivos em tecnologia apresentam grande participação de gastos em P&D em seu PIB. Esses são os casos dos países com grande quantidade de insumos importados nos bens vendidos, a exemplo de Costa Rica, Tailândia e México, que apresentaram mais de 20% de suas exportações de manufaturados em bens de alta intensidade e menos de 0,4% do PIB em gastos de P&D.

O resultado inverso também ocorre: a Rússia apresentou gastos em P&D no montante de 1,28% do PIB e apenas 9% das exportações de manufaturados em bens de alta intensidade tecnológica.

Os países da Zona do Euro exportaram US\$ 361 bilhões em produtos de alta intensidade tecnológica, mas a participação no total não é grande, cerca de 16%. Muitos países europeus possuem pequena participação de bens de alta intensidade tecnológica em suas pautas.

A Alemanha é a segunda exportadora de bens de alta intensidade tecnológica no mundo em valor absoluto (US\$ 132 bilhões), mas a participação destes na sua pauta de manufaturados não é elevada (17%). Bélgica, Itália e Espanha apresentam participação menor que 10% em suas pautas de exportações de manufaturados e gastos superiores a 1% do PIB em P&D.

Nos países da América Latina, a participação dos gastos em P&D é pequena: em média, 0,57% do PIB. O Brasil apresentou participação maior do que a média do continente (0,98%) e exportou 12% de sua pauta de manufaturados em bens de alto conteúdo tecnológico.

Tabela 3.1: Gastos em P&D e exportações de bens de alta intensidade tecnológica em 2004*

	País	Gastos em P&D (% do PIB)	Exportações de bens de alta intensidade tecnológica	
			US\$ milhões	% das exportações de manufaturados
1	Cingapura	2,15	87.742	59
2	Malásia	0,69	52.868	55
3	Costa Rica	0,39	1.374	37
4	Irlanda	1,11	30.239	34
5	Coreia do Sul	2,64	75.742	33
6	Estados Unidos	2,60	216.016	32
7	China	1,31	161.603	30
8	Tailândia	0,24	18.203	30
9	Holanda	1,80	55.211	29
10	Hungria	0,95	14.158	29
11	Japão	3,15	124.045	24
12	Reino Unido	1,89	64.295	24
13	Suíça	2,57	24.121	22
14	Finlândia	3,49	10.625	21
15	México	0,42	31.832	21
16	Dinamarca	2,53	9.686	20
17	Israel	4,93	6.861	19
18	França	2,19	64.871	19
19	Noruega	1,75	2.759	18
20	Suécia	3,98	17.022	17
21	Alemanha	2,50	131.838	17
22	Canadá	1,94	25.625	14
23	Austrália	1,63	3.128	14
24	República Tcheca	1,27	7.662	13
25	Áustria	2,22	10.597	12
26	Brasil	0,98	5.929	12
27	Grécia	0,65	1.031	11
28	Rússia	1,28	3.432	9
29	Portugal	0,93	2.639	9
30	Bélgica	2,33	19.583	8
31	Itália	1,16	23.504	8
32	Espanha	1,11	9.932	7
33	África do Sul	0,76	1.300	6
34	Índia	0,85	2.840	5
35	Eslováquia	0,59	1.217	5
36	Polónia	0,56	1.932	3
37	Turquia	0,66	1.064	2

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do WDI.

* Países que declararam os gastos em P&D em relação ao PIB e exportaram valores superiores a US\$ 1 bilhão em bens classificados como de alta intensidade tecnológica em 2004, exceto Hong Kong.

Os principais destinos das exportações brasileiras nos primeiros sete meses de 2006 foram os países da ALADI, com um total de US\$ 16.970,6 milhões – ver tabela 3.2. As exportações brasileiras àqueles países cresceram em termos absolutos US\$ 3.068,9 milhões em relação aos primeiros sete meses do ano passado. As importações apresentaram um crescimento um pouco maior do que as exportações no período.

Na América Latina, a Argentina foi o principal destino das vendas brasileiras alcançando um total de US\$ 6.438,9 milhões de janeiro a julho de 2006 (+19,3% em relação ao mesmo período de 2005). O Brasil apresentou superávit de US\$ 2.179,5 milhões com aquele país.

Em termos percentuais o maior crescimento de exportações brasileiras dentre os países latino-americanos foi para a Venezuela, que se elevaram em 50,1% e atingiram US\$ 1.807,3 milhões no acumulado de 2006, principalmente em decorrência de produtos tais como: aparelhos transmissores e receptores, automóveis e autopeças, carne de frango, laminados planos e tratores. Ao mesmo tempo, também se observou um crescimento das importações de produtos venezuelanos em 175,7%, constituídas em sua maior parte por derivados de petróleo. Ainda assim o saldo da balança comercial entre Brasil e Venezuela permaneceu superavitário, em um montante de US\$ 1.466,5 milhões.

Tabela 3.2: Balança comercial brasileira segundo blocos econômicos: janeiro a julho de 2005 e 2006 (US\$ milhões e variação %)

	Exportações		Var. % 2006/05	Importações		Var. % 2006/05
	2006	2005		2006	2005	
União Européia	16.311,5	15.187,4	7,4	11.139,6	10.363,5	7,5
Holanda	3.111,2	2.969,5	4,8	433,7	343,7	26,2
Alemanha	3.130,0	2.875,9	8,8	3.659,5	3.466,6	5,6
Itália	2.098,4	1.892,5	10,9	1.402,1	1.335,3	5,0
EUA ⁽¹⁾	13.640,3	12.872,5	6,0	7.995,3	7.154,7	11,7
ALADI ⁽²⁾	16.970,6	13.901,7	22,1	8.524,1	6.358,2	34,1
MERCOSUL	7.614,1	6.392,6	19,1	4.702,2	3.963,1	18,7
Argentina	6.438,9	5.397,6	19,3	4.259,4	3.487,4	22,1
Uruguai	538,4	488,2	10,3	303,4	280,1	8,3
Paraguai	636,8	506,8	25,7	139,5	195,6	-28,7
Bolívia	392,4	318,2	23,3	727,3	475,9	52,8
Chile	2.102,5	1.835,1	14,6	1.470,2	898,5	63,6
Colômbia	1.108,5	816,4	35,8	121,9	88,1	38,3
Cuba	186,6	127,4	46,4	16,7	28,2	-40,5
Equador	540,6	382,9	41,2	20,9	44,6	-53,1
México	2.494,9	2.270,0	9,9	711,3	463,2	53,6
Peru	723,7	554,7	30,5	412,7	273,1	51,1
Venezuela	1.807,3	1.204,4	50,1	340,8	123,6	175,7
Ásia ⁽³⁾	11.473,9	9.845,5	16,5	12.554,9	8.912,3	40,9
China	4.726,2	3.489,0	35,5	4.147,0	2.755,5	50,5
Japão	2.164,3	1.942,7	11,4	2.246,0	1.930,1	16,4
Índia	453,7	651,3	-30,3	680,7	599,5	13,5
África	3.899,0	3.235,4	20,5	4.489,7	3.623,6	23,9
África do Sul	784,0	773,1	1,4	246,2	179,9	36,8
Nigéria	727,1	515,2	41,1	2.043,2	1.654,1	23,5
Oriente Médio	2.813,9	2.227,2	26,3	1.778,9	1.179,4	50,8
Irã	843,4	596,2	41,5	26,3	1,6	1505,1
Arábia Saudita	757,8	568,0	33,4	862,2	679,9	26,8
Europa Oriental	2.277,9	2.269,4	0,4	630,6	557,8	13,1
Rússia	1.780,0	1.783,2	-0,2	423,4	327,0	29,5
Romênia	155,7	141,9	9,7	22,2	11,8	88,0
Demais	7.134,9	5.199,5	37,2	2.295,8	1.931,7	18,8
Total	74.521,9	64.738,6	15,1	49.408,9	40.081,1	23,3

Fonte: MDIC/Secex

⁽¹⁾ inclui Porto Rico.

⁽²⁾ inclui Mercosul.

⁽³⁾ exclusive Oriente Médio.

Em uma agregação segundo os principais blocos econômicos, observa-se um elevado saldo comercial com os Estados Unidos e os países da União Européia. Uma questão a ser destacada é o crescimento das importações que foi maior do que o das exportações para ambos os blocos, durante os sete primeiros meses de 2006. Contudo, o valor dos saldos da balança comercial com os Estados Unidos e a União Européia permaneceu alto, respectivamente: US\$ 5.644,9 milhões e US\$ 5.171,8 milhões.

Dentre os principais blocos econômicos, o maior crescimento das exportações em termos percentuais foi com relação as que tiveram o Oriente Médio como destino, que atingiu 26,3% no acumulado de 2006. Observou-se, também, um aumento da participação deste grupo de países na pauta de exportações, passando de 3,4% em 2005 para 3,8% em 2006. O mais importante destino da região foi o Irã, que importou US\$ 843,4 milhões em produtos brasileiros, o que representou um aumento de 41,5% frente aos sete primeiros meses de 2005.

Com relação aos países asiáticos nota-se o maior déficit comercial brasileiro, dentre os principais blocos, atingindo um valor de US\$ 1.081,0 milhões, no acumulado até o sétimo mês de 2006. As vendas de produtos brasileiros àqueles países cresceram 16,5% no período, mas o crescimento das importações chegou a 40,9%. Isto se deve, em grande medida, ao desempenho das importações de produtos chineses que aumentaram 50,5% em comparação ao mesmo intervalo de 2005, obtendo um volume de US\$ 4.147,0 milhões. As exportações brasileiras para a China também cresceram significativamente, 35,5%, o que proporcionou um superávit de US\$ 579,2 milhões e um volume de exportações no total de US\$ 4.726,2 milhões. Os principais produtos exportados foram: soja em grão, minério de ferro, petróleo bruto, celulose, couros e peles.

Assim como para os primeiros sete meses de 2005, o maior déficit brasileiro, quando comparados os países, foi em relação à Nigéria, que obteve um valor de US\$ 1.316,1 milhões em 2006, cifra US\$ 177,2 milhões menor do que em 2005. As importações de produtos nigerianos foram constituídas, basicamente, por petróleo bruto, o qual fez parte de 97,0% destas.

Quanto às principais empresas exportadoras, não se observa uma grande concentração em alguma determinada categoria de uso. Existem grandes exportadores tanto de produtos básicos quanto de maior sofisticação industrial, o que pode ser percebido no *ranking* de empresas da Tabela 3.3. Das 20 maiores exportadoras, 9 são produtoras de bens de capital e/ou de alta intensidade tecnológica. Nota-se, além disso, que as vinte maiores empresas cresceram 10 pontos percentuais acima da média total e 14 pontos percentuais acima das demais empresas, o que mostra um movimento de aumento das exportações totais em decorrência principalmente das exportadoras de maior porte.

A Petrobrás apareceu em primeiro lugar, com uma participação de 8,1% nas exportações totais para o período de janeiro a julho de 2006, enquanto em 2005, no mesmo intervalo, esta participação era de 5,3%. Cabe ressaltar o crescimento das exportações da Petrobrás que foi de 77,8% no acumulado de 2006, alcançando a cifra de US\$ 6.058,8 milhões. Em segundo e terceiro lugar estão a Companhia Vale do Rio Doce e a Embraer, com participações de 4,3% e 2,2%, respectivamente.

Tabela 3.3: Principais empresas brasileiras exportadoras - janeiro a julho de 2005 e 2006 (US\$ milhões e variação %)

Empresas Exportadoras	Exportações		Var. % 2006/05	Participação %	
	2006	2005		2006	2005
1 PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	6.058,8	3.406,8	77,8	8,1	5,3
2 COMPANHIA VALE DO RIO DOCE	3.175,0	2.483,5	27,8	4,3	3,8
3 EMBRAER S A	1.627,6	1.594,5	2,1	2,2	2,5
4 BUNGE ALIMENTOS S/A	1.364,2	1.207,3	13,0	1,8	1,9
5 VOLKSWAGEN LTDA	1.309,8	1.189,9	10,1	1,8	1,8
6 CARGILL AGRICOLA S A	940,8	785,7	19,7	1,3	1,2
7 GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	936,0	872,8	7,2	1,3	1,4
8 FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA	810,6	795,2	1,9	1,1	1,2
9 MOTOROLA INDUSTRIAL LTDA	799,0	569,5	40,3	1,1	0,9
10 MINERACOES BRASILEIRAS REUNIDAS S A MBR	742,1	585,3	26,8	1,0	0,9
11 DAIMLERCHRYSLER DO BRASIL LTDA	731,7	665,1	10,0	1,0	1,0
12 COMPANHIA SIDERURGICA DE TUBARAO	678,2	849,4	-20,2	0,9	1,3
13 CATERPILLAR BRASIL LTDA	659,8	523,5	26,0	0,9	0,8
14 ALBRAS ALUMINIO BRASILEIRO S/A	630,7	407,4	54,8	0,9	0,6
15 SADIA S.A	627,1	729,6	-14,0	0,8	1,1
16 SAMARCO MINERACAO S/A	606,8	470,6	28,9	0,8	0,7
17 COPERSUCAR	538,5	411,9	30,7	0,7	0,6
18 ADM DO BRASIL LTDA	534,5	640,4	-16,5	0,7	1,0
19 ARACRUZ CELULOSE SA	525,6	502,4	4,6	0,7	0,8
20 SCANIA LATIN AMERICA LTDA	518,5	349,9	48,2	0,7	0,5
Total das empresas relacionadas acima	23.815,2	19.040,7	25,1	32,0	29,4
Demais empresas	50.706,7	45.697,9	11,0	68,0	70,6
Total Geral	74.521,9	64.738,6	15,1	100,0	100,0

Fonte: MDIC / Secex

A categoria que apresentou maior crescimento nas importações nos sete primeiros meses de 2006 foi a de bens de consumo duráveis (53,9%), com destaque para as compras de automóveis (127,9%). O crescimento das importações de automóveis foi particularmente elevada no mês de julho (254,9%) – ver tabela 3.4. Apresentaram também expressivos crescimentos as compras de máquinas e aparelhos de uso doméstico (75,0%) e utensílios domésticos (27,7%). Entretanto, bens de consumo duráveis representaram uma parcela pequena das importações totais, apenas 6,3%.

Os bens de consumo não-duráveis tiveram a mesma participação na pauta de importações. As maiores taxas de crescimento, para o período anteriormente mencionado, ocorreram nas compras de artigos do vestuário e confecções (52,9%), bebidas e tabacos (34,7%), produtos alimentícios (26,2%) e farmacêuticos (22,1%).

Tabela 3.4: Importações brasileiras por categoria de uso - janeiro a julho de 2005 e 2006 (US\$ milhões e variação %)

Categoria de uso	Janeiro a julho			Julho		
	2006 US\$ mil	2005 US\$ mil	Var. %	2006 US\$ mil	2005 US\$ mil	Var.* %
Bens de Capital	10.513	8.330	26,2	1.645	1.283	28,2
Intermediários	24.492	21.207	15,5	4.076	3.232	26,1
Bens de Consumo	6.227	4.482	39,0	1.013	663	52,8
Não-duráveis	3.115	2.460	26,6	478	346	38,2
Duráveis	3.112	2.022	53,9	535	317	68,8
Automóveis	891	391	127,9	181	51	254,9
Combustíveis	8.117	6.062	33,9	1.250	880	42,0
Total	49.409	40.081	23,3	7.984	6.058	31,8

* pela média diária

Fonte: MDIC / Secex

A própria participação de bens de consumo não foi elevada na pauta de importações brasileiras, sendo pouco mais de 12%. As categorias de intermediários e bens de capital apresentam, historicamente, participações muito maiores.

A categoria de matérias-primas e bens intermediários, ao contrário da categoria de bens de consumo, obteve uma participação muito significativa na pauta de importações do Brasil, respondendo por 49,6% das importações totais, mesmo apresentando o menor crescimento em relação aos sete primeiros meses de 2005 (15,5%), o que resultou em uma queda de 3,3 pontos percentuais de sua participação na pauta.

A categoria de bens de capital também foi relevante na pauta brasileira de importações, tendo sido responsável por 21,3% do total no período de janeiro a julho de 2006. Os maiores incrementos ocorreram nas compras de equipamentos fixos de transporte (60,6%), máquinas e aparelhos de escritório (33,4%), equipamentos móveis de transporte (30,7%) e máquinas industriais (30,2%).

Oito países são responsáveis por 50% das importações mundiais

Os Estados Unidos importaram US\$ 1,7 bilhão em bens no ano de 2005, valor quase US\$ 1 bilhão superior ao do segundo colocado no *ranking* mundial de importadores, a Alemanha – ver tabela 3.5. As importações dos Estados Unidos representaram 16,1% do comércio mundial. A China ocupou o terceiro lugar, com a expressiva taxa de crescimento de 123,6% entre os anos de 2002 e 2005.

As importações desses três países, somadas às do Japão e mais quatro países da Europa (Reino Unido, França, Itália e Holanda), foram responsáveis por 50% das compras mundiais totais em 2005; 42 países foram o destino de 90% das vendas mundiais.

Índia e Rússia também apresentaram, entre 2002 e 2005, taxas de crescimento acima de 100% em suas importações, alcançando exportações acima de US\$ 100 milhões no último ano. O Brasil foi apenas o 27º país importador (0,7% do mercado in-

ternacional) em 2005, tendo suas compras crescido 56,4% nos três anos, valor 3 pp abaixo da média mundial.

**Tabela 3.5: Os 20 maiores países importadores: 2002 a 2005
(em US\$ bilhões e %)**

	2002	2003	2004	2005	Participação em 2005	Variação 2005 / 2002
1 EUA	1.200,2	1.303,1	1.525,5	1.732,7	16,1%	44,4%
2 Alemanha	490,3	604,6	715,7	774,1	7,2%	57,9%
3 China	295,2	412,8	561,2	660,1	6,1%	123,6%
4 Japão	337,2	382,9	454,5	516,1	4,8%	53,0%
5 Reino Unido	346,3	392,0	470,6	501,2	4,7%	44,7%
6 França	329,3	398,8	470,9	495,8	4,6%	50,6%
7 Itália	247,0	297,5	355,3	379,7	3,5%	53,7%
8 Holanda	219,3	264,7	319,7	357,9	3,3%	63,2%
9 Bélgica	198,3	234,9	285,6	320,4	3,0%	61,5%
10 Canadá	227,5	245,0	279,8	320,1	3,0%	40,7%
11 Hong Kong	208,0	233,2	272,9	300,6	2,8%	44,6%
12 Espanha	165,1	208,6	258,3	277,6	2,6%	68,1%
13 Coreia do Sul	152,1	178,8	224,5	261,0	2,4%	71,6%
14 México	176,6	178,5	206,1	231,7	2,2%	31,2%
15 Cingapura	116,4	136,2	173,6	200,0	1,9%	71,8%
16 Taiwan	113,3	128,1	169,3	185,9	1,7%	64,0%
17 Índia	56,5	71,2	97,3	131,6	1,2%	132,9%
18 Austrália	72,7	89,1	109,4	125,3	1,2%	72,3%
19 Rússia	61,0	76,1	97,4	125,1	1,2%	105,2%
20 Áustria	78,3	99,5	119,9	124,7	1,2%	59,3%
Demais	1.643,4	1.919,2	2.377,4	2.731,3	25,4%	66,2%
Mundo	6.734,0	7.855,0	9.545,0	10.753,0	100,0%	59,7%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da OMC.

MATÉRIA ESPECIAL:**Como tem evoluído a indústria de autoveículos no mundo?**

Ana Claudia Alem*
Fabrício Catermol

Introdução

As principais montadoras mundiais têm sido objeto de várias matérias publicadas pela mídia, tanto internacional quanto nacional. A indústria automobilística é responsável por parcelas significativas do PIB das principais economias industrializadas e representa um setor de alto valor agregado. A cadeia produtiva do setor alcança um variado conjunto de atividades (metalurgia, mecânica, plásticos, eletrônicos etc.), sendo importante na composição do emprego industrial de muitos países. O objetivo desta “matéria especial” é fazer um breve relato da evolução recente do setor.

A evolução da indústria automobilística internacional tem sido marcada por um excesso de capacidade produtiva frente a um crescimento pouco dinâmico da demanda. O acirramento da concorrência tem sido acompanhado pela redução dos diferenciais de competitividade entre as principais montadoras mundiais. O grande desafio dos últimos anos tem sido a reativação de uma demanda relativamente estagnada nos mercados “maduros” (América do Norte, Europa e Japão) – pela segmentação de mercados, diferenciação e lançamento de novos produtos – e a busca por novos mercados com maior potencial de crescimento – como América Latina, Ásia (China e Índia), Leste Europeu e Rússia.

Principais características da evolução recente do setor²

Além do crescimento decepcionante da demanda, as montadoras também têm enfrentado os seguintes desafios no período recente: i) a necessidade de adaptação a questões de preservação ambiental – como o controle de emissão de poluentes; ii) a tendência de aumento dos preços das matérias-primas (com destaque para o aço); e iii) a trajetória de aumento dos preços dos combustíveis – com impacto negativo principalmente sobre as empresas que possuem uma linha de produtos tradicionalmente concentrada em veículos de maior porte.

Como resposta a esta situação e ao acirramento da concorrência entre as principais montadoras, observa-se um intenso processo de racionalização do processo produtivo e inovativo que tem se refletido em importantes mudanças organizacionais dentro da cadeia de produção.

Apesar de haver uma crescente convergência de comportamento das principais montadoras mundiais, as estratégias de ação não são totalmente homogêneas – com destaque para as diferenças de atuação das empresas asiáticas em relação às ocidentais. Entretanto, podemos elencar como principais medidas adotadas no processo de reestruturação produtiva em andamento: i) adoção do projeto de carro mundial; ii) redução do número de plataformas; iii) racionalização do processo produtivo concomitante a uma crescente busca de nichos de mercado (satisfação de

* Economistas do BNDES.

² Ver PricewaterhouseCoopers (2006); Carvalho (2005 a e b) e artigos diversos sobre o setor na Revista The Economist e no site da Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais (www.abmbrasil.com.br).

demandas regionais); iv) regionalização do desenvolvimento de novos produtos; v) o aumento da intensidade de introdução de novos modelos; vi) a modernização da linha de produtos; vii) adoção de técnicas de manufatura flexível (*lean production* e *just in time*); viii) o desenvolvimento do trabalho dos fornecedores dentro da linha de montagem; ix) busca por uma maior diversificação geográfica das vendas; x) o forte crescimento do comércio intra-firma; e xi) o maior comprometimento das filiais das montadoras com as estratégias competitivas e com os programas produtivos estabelecidos pelas respectivas matrizes.

Em termos de inovações tecnológicas destacam-se as formas alternativas de propulsão - motores elétricos, híbridos e células de combustível - e, principalmente, a eletrônica embarcada. A exemplo de muitos outros setores, as montadoras têm expandido rapidamente a utilização de sistemas e componentes eletrônicos: no que diz respeito aos veículos de maior porte/mais sofisticados quase todas as suas funções já podem ser acionadas pela eletrônica embarcada. A difusão da eletrônica embarcada tem se acelerado também em veículos de menor porte, o que reflete a progressiva redução dos custos para a sua produção e a sua importância como instrumento competitivo.

Ao mesmo tempo, têm ocorrido mudanças patrimoniais decorrentes do processo de fusões e aquisições de empresas e de estratégias cooperativas nas áreas tecnológicas, produtivas e de comercialização. As montadoras mundiais cada vez mais focam os seus negócios nas atividades da cadeia de maior agregação de valor e que lhe geram maiores vantagens competitivas: projeto, engenharia e *marketing*. Além disso, têm conferido maior participação aos seus fornecedores (sistemistas) no processo produtivo, promovendo mudanças nas relações ao longo da cadeia produtiva. Simultaneamente, a difusão dos novos processos produtivos e a relativa padronização dos fornecedores, isto é, um mesmo grupo de sistemistas fornecendo para diferentes empresas, têm tornado as técnicas de produção e os componentes utilizados cada vez mais semelhantes.

Tendo em vista que a definição do produto é decisiva no negócio automotivo, envolvendo altos montantes de recursos e prazos relativamente longos, as atividades de projeto têm recebido especial atenção. Por um lado, as estratégias de carro e plataformas mundiais têm levantado a questão da possibilidade de uma recentralização de atividades de projeto de produto desenvolvidas em países menos desenvolvidos, recolocando a questão da divisão de trabalho nesta atividade. Por outro, alguns dos projetos de automóveis têm tido sua sede em países não centrais da indústria, como é o caso do Brasil. Ser sede de projeto significa ser a unidade gestora do projeto, responsável pela engenharia que qualifica ou “veta” fornecedores, analisa solicitações de adaptação e alterações provenientes de outras unidades.

Observa-se, atualmente, uma clara associação entre o desenvolvimento local de um veículo ou derivativo e o fornecimento local. Projetos e desenvolvimento locais de veículos proporcionam maior chance a empresas internas ao país de participarem no projeto, o que dificilmente aconteceria caso o projeto fosse sediado em outro país. Sendo assim, aumentam as chances de fornecedores locais, não “globais”, de capital nacional não transnacionais, passarem a integrar a cadeia de fornecimento.

A evolução da produção mundial de autoveículos

A produção total mundial de veículos – passageiros, comerciais leves e pesados – ultrapassou os 66 milhões de unidades em 2005, o que representou um crescimento da ordem de 3% em relação ao número de 2004 – ver Tabela 1.

Tabela 1: Produção de Autoveículos - em milhões de unidades (1)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Europa	18,8	20,2	19,8	20,2	20,0	19,8	20,0	20,8	20,8
União Européia	16,1	17,3	16,9	17,1	17,2	16,9	18,0	18,3	18,2
Alemanha	5,0	5,7	5,7	5,5	5,7	5,5	5,5	5,6	5,8
França	2,6	2,9	3,2	3,3	3,6	3,7	3,6	3,7	3,5
Espanha	2,6	2,8	2,9	3,0	2,9	2,9	3,0	3,0	2,8
Reino Unido	1,9	2,0	2,0	1,8	1,7	1,8	1,8	1,9	1,8
Américas	18,3	17,7	19,3	19,8	17,9	18,7	18,3	18,9	19,3
Nafta	15,7	15,6	17,6	17,7	15,8	16,7	16,2	16,3	16,3
Estados Unidos	12,1	12,0	13,0	12,8	11,4	12,3	12,1	12,0	12,0
Canadá	2,3	2,2	3,1	3,0	2,5	2,6	2,6	2,7	2,7
México	1,4	1,5	1,6	1,9	1,8	1,8	1,6	1,6	1,7
América do Sul	2,5	2,0	1,7	2,1	2,1	2,0	2,0	2,7	3,0
Brasil	2,1	1,6	1,4	1,7	1,8	1,8	1,8	2,3	2,5
Argentina	0,4	0,5	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3
Ásia	17,0	15,2	16,4	17,4	17,3	19,4	21,2	23,4	24,9
Japão	11,0	10,1	9,9	10,1	9,8	10,3	10,3	10,5	10,8
Coréia do Sul	2,8	2,0	2,8	3,1	2,9	3,1	3,2	3,5	3,7
China	1,6	1,6	1,8	2,1	2,3	3,3	4,4	5,2	5,7
Índia	0,6	0,5	0,8	0,8	0,8	0,9	1,2	1,5	1,6
Outros	1,0	0,4	0,7	1,0	1,0	1,1	1,2	0,1	1,5
Mundo	55,1	53,5	56,3	58,4	56,3	59,0	60,6	63,3	66,5

Fonte: Organização Internacional de Produtores de Veículos Auto-Motores (OICA).

Nota: (1) Incluem veículos comerciais leves, pesados e ônibus.

A maior participação na produção mundial coube à Ásia, com 37% do total em 2005, seguida pela União Européia e o Nafta, com 27% e 25%, respectivamente – ver Tabela 2. Por países, os Estados Unidos foram os maiores produtores mundiais com uma participação de 18% do total, seguidos de Japão (16%), Alemanha e China – praticamente empatadas com cerca de 9% da produção mundial -, Coréia do Sul (6%) e França (5%). Chama a atenção o vigoroso aumento da participação da produção chinesa no total mundial: de 3% em 1997, para 9% em 2005. O Brasil foi o nono maior fabricante em 2005, com 4% do total.

Tabela 2: Participação sobre a Produção Mundial de Autoveículos - (%) (1)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Europa	34	38	35	35	36	34	33	33	31
União Européia	29	32	30	29	31	29	30	29	27
Alemanha	9	11	10	9	10	9	9	9	9
França	5	5	6	6	6	6	6	6	5
Espanha	5	5	5	5	5	5	5	5	4
Reino Unido	4	4	4	3	3	3	3	3	3
Américas	33	33	34	34	32	32	30	30	29
Nafta	29	29	31	30	28	28	27	26	25
Estados Unidos	22	22	23	22	20	21	20	19	18
Canadá	4	4	5	5	4	4	4	4	4
México	2	3	3	3	3	3	3	2	3
América do Sul	5	4	3	4	4	3	3	4	4
Brasil	4	3	2	3	3	3	3	4	4
Argentina	1	1	1	1	0	0	0	0	0
Ásia	31	28	29	30	31	33	35	37	37
Japão	20	19	18	17	17	17	17	17	16
Coréia do Sul	5	4	5	5	5	5	5	5	6
China	3	3	3	4	4	6	7	8	9
Índia	1	1	1	1	1	2	2	2	2
Outros	2	1	1	2	2	2	2	0	2
Mundo	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Organização Internacional de Produtores de Veículos Auto-Motores (OICA).

Nota: Incluem veículos comerciais leves, pesados e ônibus.

Os dez maiores grupos automobilísticos internacionais são responsáveis por mais de 70% da produção total de automóveis. A General Motors é a principal fabricante mundial e produziu 9,1 milhões de unidades em 2005 – 14% do total global. A seguir, estão a Toyota, a Ford, a Volkswagen e DaimlerChrysler – ver Tabelas 3 e 4. A participação relativa de cada um dos maiores produtores mundiais tem se mantido sem grandes alterações nos últimos anos. Observa-se apenas um pequeno aumento das japonesas Toyota e Honda (cerca de 1%), em detrimento de uma igualmente pequena redução de Ford, Volks e DaimlerChrysler (entre 1 e 2%).

Tabela 3: Produção de Autoveículos por Empresas- em milhões de unidades (1)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
1 General Motors (Opel-Vauxhall-GM Daewoo)	7,6	8,4	8,1	7,6	8,3	8,2	8,1	9,1
2 Toyota	5,2	5,5	6,0	6,1	6,6	6,2	6,8	7,3
3 Ford (Jaguar-Volvo carros)	6,6	6,6	7,3	6,7	6,7	6,6	6,6	6,5
4 Volkswagen Group	4,8	4,8	5,1	5,1	5,0	5,0	5,1	5,2
5 DaimlerChrysler (with Evobus)	4,5	4,8	4,7	4,4	4,5	4,2	4,6	4,8
6 Nissan	2,6	2,5	2,6	2,6	2,7	2,9	3,2	3,5
7 Honda	2,3	2,4	2,5	2,7	3,0	2,9	3,2	3,4
8 PSA Peugeot Citroën	2,2	2,5	2,9	3,1	3,3	3,3	3,4	3,4
9 Hyundai-Kia	1,3	2,1	2,5	2,5	2,6	2,7	2,8	3,1
10 Renault-Dacia-Samsung	2,3	2,3	2,5	2,4	2,3	2,4	2,5	2,6
Outras	14,1	14,3	14,2	13,3	13,9	16,1	17,0	17,5
Mundo	53,5	56,3	58,4	56,3	59,0	60,6	63,3	66,5

Fonte: Organização Internacional de Produtores de Veículos Auto-Motores (OICA).

Nota: Incluem veículos comerciais leves, pesados e ônibus.

Tabela 4: Produção de Autoveículos por Empresas- (%) do Total (1)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
1 General Motors (Opel-Vauxhall-GM Daewoo)	14	15	14	13	14	14	13	14
2 Toyota	10	10	10	11	11	10	11	11
3 Ford (Jaguar-Volvo carros)	12	12	13	12	11	11	10	10
4 Volkswagen Group	9	9	9	9	9	8	8	8
5 DaimlerChrysler (with Evobus)	8	9	8	8	8	7	7	7
6 Nissan	5	4	5	5	5	5	5	5
7 Honda	4	4	4	5	5	5	5	5
8 PSA Peugeot Citroën	4	4	5	6	6	5	5	5
9 Hyundai-Kia	2	4	4	4	4	4	4	5
10 Renault-Dacia-Samsung	4	4	4	4	4	4	4	4
Outras	26	25	24	24	24	27	27	26
Mundo	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Organização Internacional de Produtores de Veículos Auto-Motores (OICA).

Nota: Incluem veículos comerciais leves, pesados e ônibus.

Os automóveis de passageiros correspondem à principal categoria de autoveículos produzidos no mundo. Em 2005, foram fabricados mais de 45,9 milhões de automóveis de passageiros, de um total de 66,5 milhões de autoveículos. A produção de veículos comerciais leves foi de 16,7 milhões de unidades e a de caminhões pesados, 2,5 milhões. A Toyota foi a maior produtora de automóveis de passageiros (6,2 milhões de unidades), em seguida estiveram GM (5,7 milhões) e Volkswagen (5,0 milhões).

Perspectivas para a indústria de autoveículos nos próximos anos

Segundo um estudo divulgado pela Polk Marketing Systems, a China deverá fechar o ano de 2006 com uma produção da ordem de 5,9 milhões de unidades, ultrapassando a Alemanha. Segundo o mesmo estudo, em 10 anos a China poderá alcançar o líder, os EUA.

Quanto à produção de veículos leves, o relatório anual sobre o setor automotivo elaborado pela PricewaterhouseCoopers divulgado em agosto, aponta para uma expansão de aproximadamente 9 milhões de unidades entre 2005 e 2010, o que representaria um crescimento de 14% em relação à produção observada nos 4 anos anteriores. A maior contribuição deverá vir da região Ásia-Pacífico, com mais de 42% de participação no aumento total. O relatório destaca o desempenho do BRIC, grupo composto pelos seguintes países: Brasil, Rússia, Índia e China. O BRIC deverá ser responsável por mais de 40% do total do aumento da produção de veículos leves e por cerca de 50% da expansão da capacidade produtiva global entre 2005 e 2010.

Em relação à expansão do mercado de veículos leves, estimativas recentes confirmam o maior potencial de crescimento dos mercados emergentes, frente a uma relativa estagnação dos mercados dos países desenvolvidos. As vendas de veículos leves na China deverão atingir cerca de 6 milhões em 2006. Com isso, o país passará a ser o segundo maior mercado, ultrapassando o Japão, e ficando atrás apenas dos EUA, cujo mercado deverá absorver vendas de 16,7 milhões de unidades no ano corrente. Em 2010, as projeções são de que o mercado chinês poderá atingir 8 milhões de unidades, frente a uma cifra de 17 milhões do mercado dos EUA. Além da China, a Rússia, o Brasil, a Índia e o México deverão apresentar um expressivo crescimento do mercado de veículos leves.

O comércio mundial de Autoveículos

O mercado mundial automotivo registrou o montante de US\$ 847 bilhões em 2004 – com crescimento de 16% em relação a 2003 -, o que correspondeu a 12,9% das exportações mundiais de manufaturados e 9,2% do comércio externo global³. A principal região exportadora foi a União Européia com 55,6% dos fluxos mundiais, seguida da Ásia (20,4% - Japão com 13,7%) e do Nafta (20,2% - EUA com 9,0%). As Américas do Sul e Central responderam por 1,4% dos fluxos. No período 2000 a 2004, a taxa média anual de crescimento do comércio automotivo foi de 10%, acima dos 5% registrados no período 1995/2000.

Em relação ao segmento de automóveis de passageiros, o maior exportador mundial é a Alemanha, tendo vendido ao exterior US\$ 107,2 bilhões em 2005⁴. As exportações alemãs cresceram 7,5% em relação ao ano anterior. Estados Unidos e Coreia do Sul apresentaram taxas de crescimento maiores em suas exportações, respectivamente 24,2% e 11,0%. Em relação a 2004, os Estados Unidos superaram a Bélgica, que permaneceu praticamente com a mesma quantidade vendida nos dois anos. A França foi a única, entre os grandes produtores mundiais, a apresentar queda (-3,7%) nas exportações de automóveis de 2004 para 2005.

As exportações brasileiras de automóveis em 2005 foram de US\$ 4,4 bilhões, apresentando crescimento de 29% em relação ao ano anterior (cerca de US\$ 1 bilhão em termos absolutos). As vendas externas brasileiras de automóveis são atualmente próximas a de países do Leste Europeu – ver gráfico 1.

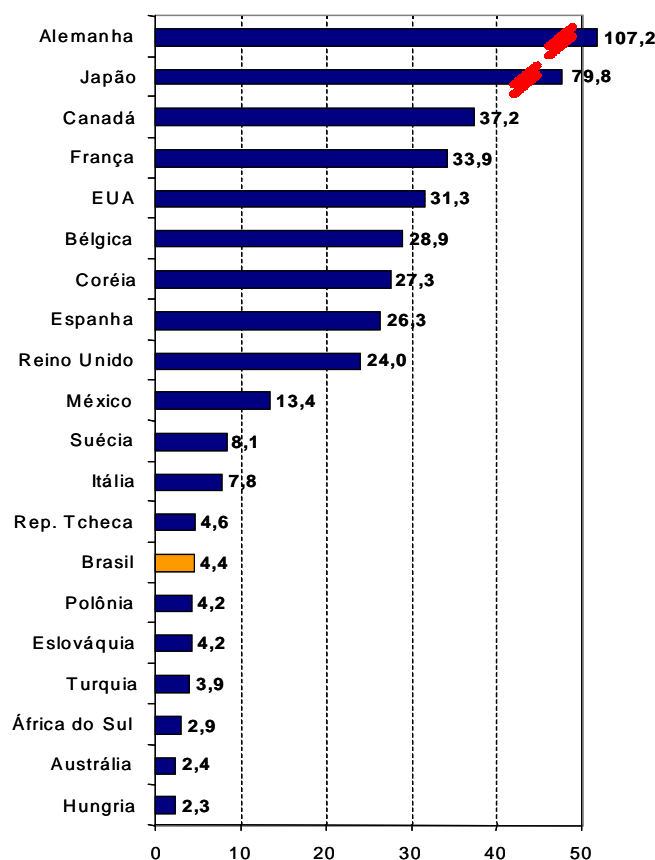
Em 2005, foram comercializados mais de US\$ 460 bilhões em automóveis no mundo. Os 10 principais exportadores foram responsáveis por 90% do mercado internacional. As exportações de automóveis a gasolina foram de aproximadamente US\$ 340 bilhões e as de a diesel, US\$ 120 bilhões. A principal categoria de automóveis comercializados internacionalmente é a de automóveis a gasolina e de cilindrada entre 1.500 e 3.000 cm³: foram exportados cerca de US\$ 180 bilhões no ano passado.

Além de ter sido o principal país exportador de automóveis em geral, a Alemanha foi também o que mais exporta nessa categoria de carros médios a gasolina, tendo comercializado US\$ 38,1 bilhões em automóveis a gasolina de cilindrada entre 1.500 e 3.000 cm³ em 2005. Nessa categoria, Japão (US\$ 34,0 bilhões) e Estados Unidos (US\$ 16,4 bilhões) foram o segundo e o terceiro maiores exportadores. As exportações do Brasil na categoria foram de US\$ 2,9 bilhões em 2005.

³ Ver OMC (2005).

⁴ Estatísticas realizadas a partir dos valores informados na *United Nations Commodity Trade Statistics Database* (COMTRADE) em relação ao código 8703 do Sistema Harmonizado.

Gráfico 1: Exportações de automóveis em países selecionados em 2005*
(em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do COMTRADE/UN.

*Dados de 2004 para Espanha, República Tcheca, Polônia e Turquia

As exportações da Alemanha também foram elevadas em veículos a diesel entre 1.500 e 2.500 cm³ (US\$ 29,9 bilhões) e a gasolina superiores a 3.000 cm³ (US\$ 27,4 bilhões). Apenas nos automóveis de menor potência a Alemanha apresentou participação menos significativa. Na categoria de automóveis pequenos a gasolina entre 1.000 e 1.500 cm³ os principais exportadores foram Japão (US\$ 8,7 bilhões), França (US\$ 4,7 bilhões) e Coreia do Sul (US\$ 3,9 bilhões). A Alemanha foi apenas o 5º país (US\$ 3,6 bilhões). O Brasil exportou US\$ 1 bilhão na categoria.

O Canadá foi o maior exportador de veículos grandes (acima de 3.000 cm³) a gasolina, US\$ 31,7 bilhões, seguido de Alemanha (US\$ 27,4 bilhões) e Japão (US\$ 25,7 bilhões). A maior parte (85%) das exportações do Canadá ocorreu nessa categoria e sua quase totalidade (99%) vendida aos Estados Unidos. Algumas das maiores montadoras mundiais de automóveis possuem fábricas no Canadá (incluindo Ford, GM, DaimlerChrysler, Honda e Toyota) e cerca de 76% de sua produção total é destinada aos Estados Unidos.

Do mesmo modo, o México apresentou grande concentração de suas exportações totais para os Estados Unidos: 82%. Os principais veículos mexicanos vendidos aos Estados Unidos são os médios (cilindrada entre 1.500 e 3.000 cm³) movidos a gasolina. Em 2005, foram exportados US\$ 7,4 bilhões destes e US\$ 3,2 bilhões de veículos grandes, de cilindrada superior a 3.000 cm³.

A China, apesar de apresentar atualmente uma elevada produção de veículos, não é um grande exportador mundial. Em 2005, a participação da China na produção mundial de autoveículos foi de 9%, percentual igual ao da Alemanha. Entretanto, suas exportações de automóveis de passageiros foram de aproximadamente apenas US\$ 1 bilhão. Os automóveis chineses ainda enfrentam problemas de qualidade e a falta de canais de distribuição para alcançar em maior montante os principais mercados mundiais, a exemplo do norte-americano⁵.

Além de ser o país de maior produção mundial, os Estados Unidos são o maior importador de automóveis do mundo, tendo sido destino de 27% das exportações mundiais em 2005. No *ranking* de importadores mundiais, em seguida estiveram situados o Reino Unido e a própria Alemanha, apresentando participações bem menores (cerca de 8% cada) – ver Tabela 5.

Tabela 5: Os 10 principais exportadores mundiais de automóveis e os 5 principais destinos em 2005 (em US\$ milhões)

	País	EUA	Reino Unido	Alemanha	Itália	Espanha	Demais destinos	Total
1	Alemanha	20.983	13.753	-	11.090	7.581	53.797	107.203
2	Japão	35.893	3.404	2.256	1.382	1.372	35.463	79.769
3	Canadá	36.508	7	41	3	8	634	37.201
4	França	5	3.756	5.447	4.184	6.544	13.958	33.894
5	EUA	-	876	3.717	129	112	26.444	31.277
6	Bélgica	1.411	5.238	8.114	1.703	1.803	10.672	28.940
7	Coréia do Sul	8.686	1.082	1.196	1.155	1.413	13.724	27.256
8	Espanha*	1	4.146	3.562	3.450	-	15.137	26.295
9	Reino Unido	6.323	-	1.781	2.031	2.114	11.768	24.017
10	México	10.940	44	1.085	0	2	1.332	13.403
	Demais países	5.879	3.888	7.981	2.105	4.155	27.490	51.499
		126.629	36.196	35.179	27.230	25.104	210.418	460.756

* dados de 2004

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do COMTRADE/UN

Alemanha e Japão são os países cujos automóveis alcançam o maior número de destinos; as vendas de cada país tiveram como destino mais de 200 países em 2005. Entretanto, os Estados Unidos também foram destinos importantes das vendas de automóveis daqueles países – representaram o destino de 20% e 45% de suas vendas totais, respectivamente, em 2005. O segundo principal destino das exportações de automóveis japoneses foi a Austrália, mas com uma participação bem menor do que os Estados Unidos: US\$ 5 bilhões, ou 6% do total em 2005. Outros destinos importantes foram Reino Unido, Canadá, Alemanha, Rússia e Arábia Saudita, todos com vendas entre US\$ 1,5 bilhão e US\$ 3,5 bilhões.

O Reino Unido destina 54% das exportações para os Estados Unidos. Nos demais grandes exportadores da Europa, há significativa concentração do comércio entre os países do próprio continente. Do total de automóveis comercializados por países europeus, cerca de 60% permaneceu no continente. Na França, representaram destinos razoavelmente relevantes fora do continente apenas Irã e Argélia (US\$ 700 milhões).

⁵ Ver Wharton (2006).

Considerações finais

Dada a maior capacidade de acumulação de capital vis-à-vis a capacidade de expansão da demanda do setor, a tendência é que se aprofunde o processo de concentração técnica, econômica e regional pelos processos de aquisição, fusões ou associações entre empresas. É possível que ocorra uma crescente racionalização produtiva, com o fechamento de plantas mais antigas e menos eficientes espalhadas pelo mundo.

Referências Bibliográficas

Anfavea (2006); *Cartas mensais (diversos números)*-disponíveis no site: www.anfavea.com.br.

Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais – ABM (2006); Artigos diversos disponíveis no site: www.abmbrasil.com.br

Carvalho, E. G. (2005a); “Globalização e estratégias competitivas na indústria automobilística: uma abordagem a partir das principais montadoras instaladas no Brasil”; *Gestão e Produção*, v. 12, n.1, jan-abr.

_____(2005b); “Uma contribuição para o debate sobre a globalização da indústria automobilística internacional”, VIII Encontro de Economia da Região sul – ANPEC Sul.

Organização Mundial do Comércio - OMC (2005); *International Trade Statistics*.
PricewaterhouseCoopers (2006); *Global Automotive Financial Review*.
The Economist (2006); Artigos publicados em diversos números.

United Nations Commodity Trade Statistics Database (COMTRADE) – disponível em <http://unstats.un.org/unsd/comtrade/>

WHARTON (2006); “Can China Gear Up to Sell Its Cars to U.S. Consumers? Quality Is Key”, Wharton School of the University of Pennsylvania, 20 de setembro

PROJEÇÕES E INDICADORES ECONÔMICOS

PROJEÇÕES

Tabela 1 – Projeções

Produto Interno Bruto - variação %																
	FMI ⁽¹⁾		CEPAL ⁽²⁾		OCDE ⁽³⁾		BBVA		Citigroup ⁽⁴⁾		Economist ⁽⁵⁾		Santander ⁽⁶⁾		ONU	
	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos																
Japão	2,7	2,1	3,3	-	2,8	2,2	3,0	3,0	2,6	2,3	2,8	2,3	-	-	2,5	-
Estados Unidos	3,4	2,9	2,9	-	3,6	3,1	3,3	3,2	3,5	3,2	3,4	2,5	-	-	3,1	-
Canadá	3,1	3,0	-	-	3,1	3,3	-	-	3,1	2,9	3,1	2,8	-	-	2,6	-
Reino Unido	2,7	2,7	2,6	-	2,4	2,9	2,6	2,6	2,8	2,8	2,6	2,5	-	-	2,3	-
Zona do Euro	2,4	2,0	-	-	2,2	2,1	2,3	2,2	2,3	1,8	2,3	1,8	-	-	1,9	-
Alemanha	2,0	1,3	1,4	-	1,8	1,6	1,9	1,8	2,2	1,1	2,0	1,3	-	-	1,2	-
França	2,4	2,3	1,1	-	2,1	2,2	2,1	2,0	2,2	1,9	2,2	2,0	-	-	1,8	-
Itália	1,5	1,3	1,4	-	1,4	1,3	1,6	1,6	1,7	0,9	1,5	1,2	-	-	1,2	-
Países em Desenvolvimento																
África	5,4	5,9	-	-	-	-	-	-	6,4	6,0	-	-	-	-	5,6	-
América Latina e Caribe	4,8	4,2	4,6	4,1	-	-	4,5	3,9	4,8	4,1	-	-	4,8	4,0	3,9	-
Argentina	8,0	6,0	7,5	5,5	-	-	7,3	6,2	7,5	5,0	-	-	7,5	6,0	6,0	-
Bolívia	4,1	3,9	3,3	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	3,6	4,0	3,5	3,7	3,8	4,0	3,6	3,0	3,7	3,7	-	-	3,1	3,6	3,0	-
Chile	5,2	5,5	5,7	5,5	-	-	5,3	5,6	5,2	5,6	-	-	5,1	5,7	5,5	-
Colômbia	4,8	4,0	4,8	4,5	-	-	4,8	4,6	4,5	4,0	4,0	4,5	4,5	4,0	4,5	-
Equador	4,4	3,2	3,0	2,5	-	-	-	-	5,0	4,0	-	-	-	-	-	-
México	4,0	3,5	3,5	3,5	4,1	3,7	4,0	3,2	4,3	3,4	-	-	4,5	4,0	3,5	-
Paraguai	3,5	4,0	3,0	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	6,0	5,0	5,6	5,0	-	-	5,6	4,7	6,1	5,5	-	-	6,1	-	5,0	-
Uruguai	4,6	4,2	4,0	3,5	-	-	-	-	5,0	4,0	-	-	-	-	-	-
Venezuela	7,5	3,7	7,0	4,5	-	-	4,1	3,6	9,7	8,1	-	-	9,6	7,2	5,5	-
República Dominicana	5,5	5,0	6,0	5,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico																
China	8,7	8,6	-	-	-	-	-	-	7,6	7,3	-	-	-	-	-	-
Coreia do Sul	10,0	10,0	9,5	-	9,7	9,5	9,5	-	9,8	9,2	-	-	-	-	8,3	-
Indonésia	5,0	4,3	-	-	5,2	5,3	-	-	5,1	4,3	-	-	-	-	4,5	-
Tailândia	5,2	6,0	-	-	-	-	-	-	5,4	6,0	-	-	5,4	-	5,3	-
Índia	4,5	5,0	-	-	-	-	-	-	4,7	4,9	-	-	-	-	5,1	-
Comunidade dos Estados Independentes	8,3	7,3	7,0	-	7,5	7,1	-	-	7,6	8,0	-	-	-	-	6,8	-
Rússia	6,8	6,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mundo	6,5	6,5	-	-	6,2	5,7	-	-	6,6	6,5	-	-	-	-	5,8	-
	5,1	4,9	3,5	-	-	-	-	-	3,8	3,5	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) Série estudos estadísticos y prospectivos: América Latina y el Caribe: proyecciones 2006-2007 (Abril/2006)

(3) OECD Economic Outlook No. 79 (Maio/2006)

(4) Global Economic Outlook Strategy (Maio de 2006) e Emerging World (Agosto de 2006)

(5) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

(6) Latin America Daily Perspectives (25 de Setembro de 2006)

Tabela 2 – Projeções

Índice de preços ao consumidor - variação %																
	FMI ⁽¹⁾		CEPAL ⁽²⁾		OCDE ⁽³⁾		BBVA		Citigroup ⁽⁴⁾		Economist ⁽⁵⁾		Santander ⁽⁶⁾		ONU	
	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006P	2007P	2006P	2007P	2006P	2007P	2006P	2007P	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos																
Japão	0,3	0,7	-	-	0,7	0,8	0,4	0,5	0,6	0,6	0,4	0,8	-	-	-	0,1
Estados Unidos	3,6	2,9	-	-	3,3	2,4	3,4	2,1	3,6	2,6	3,5	2,6	-	-	-	2,6
Canadá	1,8	2,0	-	-	2,0	2,3	-	-	2,4	2,2	2,3	2,1	-	-	-	1,9
Reino Unido	2,3	2,4	-	-	2,2	1,7	2,1	1,9	2,4	2,2	2,2	2,1	-	-	-	3,9
Zona do Euro	2,3	2,4	-	-	2,2	2,1	2,2	2,1	2,3	2,0	2,2	2,1	-	-	-	2,0
Alemanha	2,0	2,6	-	-	1,6	2,1	1,9	2,4	1,9	2,8	1,8	2,3	-	-	-	1,9
Frância	2,0	1,9	-	-	1,7	1,4	1,9	1,8	1,9	1,8	2,0	1,7	-	-	-	2,1
Itália	2,4	2,1	-	-	2,4	2,1	2,2	1,9	2,3	1,8	2,2	1,9	-	-	-	1,8
Países em Desenvolvimento																
África																
África Latina e Caribe	5,6	5,2	6,0	-	-	-	5,3	5,7	5,0	5,1	-	-	-	-	-	10,1
Argentina	12,3	11,4	12,7	-	-	-	11,0	12,0	10,9	10,4	-	-	-	5,8	4,7	5,3
Bolívia	4,1	4,0	4,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10,0	11,0	5,5
Brasil	4,5	4,1	5,4	-	4,5	4,5	4,5	4,5	4,4	4,4	-	-	-	2,9	4,0	5,0
Chile	3,5	3,1	3,0	-	-	-	3,2	2,4	3,9	3,4	-	-	-	3,4	3,0	3,2
Colômbia	4,7	4,2	4,1	-	-	-	4,2	3,9	4,1	4,2	4,2	4,2	-	4,1	4,0	5,0
Equador	3,2	3,0	3,8	-	-	-	-	-	3,5	3,7	-	-	-	-	-	-
México	3,5	3,3	3,7	-	3,7	3,0	3,4	3,5	3,4	3,5	-	-	-	3,5	3,7	4,6
Paraguai	8,9	4,9	9,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	2,4	2,5	2,8	-	-	-	2,5	2,5	2,0	2,6	-	-	-	-	-	1,5
Uruguai	5,9	4,3	6,2	-	-	-	-	-	6,4	6,0	-	-	-	-	-	-
Venezuela	12,1	15,4	12,5	-	-	-	12,3	16,9	13,2	15,0	-	-	-	15,9	11,5	15,0
República Dominicana																
Ásia e Pacífico																
China	3,8	3,6	-	-	-	-	-	-	3,5	3,5	-	-	-	-	-	-
Coreia do Sul	1,5	2,2	-	-	3,4	3,5	2,0	-	2,0	3,0	-	-	-	-	-	3,2
Indonésia	2,5	2,7	-	-	2,5	3,2	-	-	2,5	2,7	-	-	-	-	-	3,3
Tailândia	13,0	5,9	-	-	-	-	-	-	13,5	7,1	-	-	-	-	-	6,9
Índia	4,9	2,6	-	-	-	-	-	-	5,2	4,6	-	-	-	-	-	3,3
Índia	5,6	5,3	-	-	4,8	4,3	-	-	5,3	5,0	-	-	-	-	-	4,1
Comunidade dos Estados Independentes																
Rússia	9,6	9,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mundo	3,8	3,5	-	-	10,5	10,0	-	-	9,9	8,8	-	-	-	-	-	10,5
	3,8	3,5	2,8	-	-	-	-	-	3,1	2,8	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) Serie estudios estadísticos y prospectivos: América Latina y el Caribe: proyecciones 2006-2007 (Abril/2006)

(3) OECD Economic Outlook No. 79 (Maio/2006)

(4) Global Economic Outlook Strategy (Maio de 2006) e Emerging World (Agosto de 2006)

(5) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

(6) Latin America Daily Perspectives (25 de Setembro de 2006)

Tabela 3 - Projeções

Saldo das Contas Públicas - % do PIB										
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup (3)		Santander (4)	
	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos	-2,3	-2,3	-	-	-	-	-2,2	-2,1	-	-
Japão	-5,2	-4,9	-6,0	-6,0	-	-	-4,3	-3,8	-	-
Estados Unidos	-3,1	-3,2	-4,2	-3,9	-2,6	-2,0	-2,2	-2,2	-	-
Canadá	1,1	1,0	0,9	0,6	-	-	0,2	0,1	-	-
Reino Unido	-3,2	-2,8	-3,0	-3,2	-	-	-3,1	-2,7	-	-
Zona do Euro	-2,0	-1,9	-2,7	-2,5	-2,4	-2,2	-2,7	-2,5	-	-
Alemanha	-2,9	-2,4	-3,6	-2,6	-	-	-2,8	-2,1	-	-
França	-2,7	-2,6	-3,2	-3,0	-	-	-2,8	-2,6	-	-
Itália	-4,0	-4,1	-4,2	-4,8	-	-	-3,9	-3,3	-	-
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	-0,7	-0,9	-	-
Africa	-	-	-	-	-	-	1,1	0,4	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-0,9	-1,0	-0,4	-0,4	-0,7	-0,6
Argentina	-	-	-	-	2,0	1,8	1,8	1,5	2,1	2,0
Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	-2,5	-1,8	-3,0	-2,5	-3,0	-2,3	-3,1	-2,5
Chile	-	-	-	-	6,2	1,9	7,5	4,5	6,7	4,2
Colômbia	-	-	-	-	-1,5	-1,7	-1,2	-1,7	-1,4	-2,1
Equador	-	-	-	-	-	-	2,9	-1,3	-	-
México	-	-	-	-	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	-	-	-	-	0,0	-0,7	1,5	1,6	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-0,9	-0,8	-	-
Venezuela	-	-	-	-	-2,3	-3,1	4,6	3,8	0,7	1,5
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-	-1,7	-1,9	-	-
China	-	-	-1,1	-1,2	-	-	-1,0	-1,8	-	-
Coréia do Sul	2,4	2,5	2,7	2,8	-	-	0,8	2,0	-	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-	-1,1	-0,8	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	-1,4	-2,0	-	-
Índia	-	-	-7,2	-6,8	-	-	-7,8	-7,6	-	-
Comunidade dos Estados Independentes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	6,5	5,0	-	-	6,6	5,5	-	-
Mundo	-	-	-	-	-	-	-1,8	-1,8	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 79 (Maio/2006)

(3) Global Economic Outlook Strategy (Maio de 2006) e Emerging World (Agosto de 2006)

(4) Latin America Daily Perspectives (25 de Setembro de 2006)

Tabela 4 – Projeções

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões						
	OCDE ⁽¹⁾		BBVA		Santander ⁽²⁾	
	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos	-	-	-	-	-	-
Japão	62,3	85,6	-	-	-	-
Estados Unidos	-757,7	-803,3	-799,0	-801,0	-	-
Canadá	50,3	57,2	-	-	-	-
Reino Unido	-99,8	-114,3	-	-	-	-
Zona do Euro	119,5	135,8	-	-	-	-
Alemanha	148,8	168,0	-	-	-	-
França	-18,4	-13,3	-	-	-	-
Itália	-10,9	-17,3	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-
Africa	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	103,0	95,7
Argentina	-	-	10,1	9,5	11,4	11,6
Bolívia	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	41,0	35,0	40,3	35,7
Chile	-	-	17,5	7,3	20,5	19,5
Colômbia	-	-	0,6	-0,8	0,2	0,5
Equador	-	-	-	-	-	-
México	-18,7	-22,6	-4,8	-12,5	-6,1	-11,8
Paraguai	-	-	-	-	-	-
Peru	-	-	6,0	5,7	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-
Venezuela	-	-	23,8	19,7	36,7	40,2
República Dominicana	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-
China	-	-	-	-	-	-
Coreia do Sul	14,0	14,0	-	-	-	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-
Índia	-	-	-	-	-	-
Comunidade dos Estados Independentes	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) OECD Economic Outlook No. 79 (Maio/2006)

(2) Latin America Daily Perspectives (25 de Setembro de 2006)

Tabela 5 – Projeções

Saldo em Conta Corrente - % PIB										
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup (3)		Santander (4)	
	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos										
Japão	-1,6	-1,7	-	-	-	-	-	-2,1	-2,3	-
Estados Unidos	3,7	3,5	4,3	5,5	-	-	-	3,5	3,4	-
Canadá	-6,6	-6,9	-7,2	-7,6	-6,5	-6,2	-6,4	-6,7	-	-
Reino Unido	2,0	1,9	3,3	3,3	-	-	1,3	-0,5	-	-
Zona do Euro	-2,4	-2,3	-2,4	-2,9	-	-	-	-3,2	-4,0	-
Alemanha	-0,1	-0,2	-0,4	-0,3	-0,5	-0,4	-0,5	-0,4	-	-
França	4,2	4,0	4,0	4,6	-	-	3,0	2,8	-	-
Itália	-1,7	-1,7	-2,6	-2,3	-	-	-2,3	-2,6	-	-
	-1,4	-1,0	-2,1	-2,2	-	-	-	-2,0	-1,8	-
Países em Desenvolvimento										
África	3,6	4,2	-	-	-	-	-	4,1	4,0	-
América Latina e Caribe	1,2	1,0	-	-	1,5	1,0	1,3	0,7	1,7	1,3
Argentina	1,0	0,6	-	-	2,7	1,9	2,7	1,6	2,3	2,2
Bolívia	5,0	4,8	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	0,6	0,4	1,0	0,6	1,0	1,0	0,8	0,6	1,0	0,6
Chile	1,8	0,9	-	-	1,0	-0,8	1,5	-2,1	3,0	2,3
Colômbia	-1,2	-1,7	-	-	-1,7	-1,5	-1,8	-1,9	-1,9	-2,3
Equador	4,4	3,7	-	-	-	-	1,5	1,0	-	-
México	-0,6	-0,8	-0,7	-1,1	-0,3	-1,1	-0,4	-1,1	-0,3	-0,8
Paraguai	-2,5	-2,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	0,7	0,2	-	-	0,5	-0,3	2,2	2,6	-	-
Uruguai	-4,3	-3,2	-	-	-	-	-1,0	-1,5	-	-
Venezuela	17,5	17,6	-	-	14,0	12,3	15,1	13,1	16,2	16,4
República Dominicana	-2,4	-2,9	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico										
China	4,1	3,9	-	-	-	-	3,9	3,4	-	-
Coreia do Sul	7,2	7,2	5,9	5,8	-	-	5,8	5,0	-	-
Indonésia	0,4	0,3	0,7	0,2	-	-	0,6	0,0	-	-
Indonésia	0,2	0,6	-	-	-	-	1,5	0,4	-	-
Taiilândia	-0,8	-1,3	-	-	-	-	-1,6	-0,1	-	-
Índia	-2,1	-2,7	-2,9	-2,9	-	-	-1,9	-1,8	-	-
Comunidade dos Estados Independentes										
Rússia	10,1	9,4	-	-	-	-	-	-	-	-
	12,3	10,7	11,5	7,9	-	-	10,9	8,9	-	-
Mundo										
	-	-	-	-	-	-	-1,2	-1,4	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2004 (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 79 (Maio/2006)

(3) Global Economic Outlook Strategy (Maio de 2006) e Emerging World (Agosto de 2006)

(4) Latin America Daily Perspectives (25 de Setembro de 2006)

Tabela 6 – Projeções

Reservas - US\$ Bilhões						
	FMI ⁽¹⁾		BBVA		Santander ⁽²⁾	
	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P	2006 P	2007 P
Países em Desenvolvimento	2.998,0	3.694,6	-	-	-	-
África	230,9	306,2	-	-	-	-
América Latina e Caribe	294,2	343,5	-	-	240,6	255,3
Argentina	-	-	27,6	33,6	30,0	32,8
Bolívia	-	-	-	-	-	-
Brasil	73,3	90,2	56,0	52,0	72,0	75,0
Chile	-	-	17,6	17,6	16,5	16,7
Colômbia	-	-	15,2	16,3	14,6	15,0
Equador	-	-	-	-	-	-
México	72,8	82,1	73,0	75,0	71,7	74,6
Paraguai	-	-	-	-	-	-
Peru	-	-	15,0	15,5	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-
Venezuela	-	-	24,8	23,5	35,8	41,2
República Dominicana	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	1.451,4	1.733,6	-	-	-	-
China	1.062,6	1.302,6	-	-	-	-
Coréia do Sul	-	-	-	-	-	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-
Índia	154,5	163,5	-	-	-	-
Comunidade dos Estados Independentes	340,7	479,9	-	-	-	-
Rússia	288,9	420,9	-	-	-	-
Total	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2006 (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) Latin America Daily Perspectives (25 de Setembro de 2006)

INDICADORES MACROECONÔMICOS E PROJEÇÕES PARA O BRASIL

Tabela 7 - Projeções e Indicadores macroeconômicos

Principais Indicadores Macroeconômicos do Brasil e Projeções											
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Banco Central ⁽²⁾		Sinopse Internacional ⁽¹⁾	
								2006 P	2007 P	2006 P	2007 P
PIB (Variação %)	0,8	4,4	1,3	1,9	0,5	4,9	2,3	3,1	3,5	3,5	3,7
Índice de Preços ao Consumidor (%)	8,9	6,0	7,7	12,5	9,3	7,6	5,7	3,0	4,3	4,3	4,3
Taxa de Juros Nominal (Selic fim de período)	25,6	17,4	17,3	19,2	23,4	16,3	18,0	13,5	12,5	-	-
Déficit Público (% do PIB)	5,8	3,6	3,6	4,6	5,1	2,7	3,3	-	-	2,9	2,3
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	49,7	48,8	52,6	55,5	57,2	51,7	51,5	50,4	49,1	-	-
Exportação (US\$ Bilhões)	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	96,5	118,3	131,3	137,5	-	-
Importação (US\$ Bilhões)	49,2	55,8	55,6	47,2	48,3	62,8	73,6	88,4	101,0	-	-
Saldo da Balança Comercial (US\$ Bilhões)	-1,2	-0,7	2,7	13,1	24,8	33,7	44,7	43,0	36,0	40,7	35,4
Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	-4,7	-4,0	-4,6	-1,7	0,8	1,9	1,8	1,3	-	0,9	0,6
Investimento Externo Direto (US\$ Bilhões)	26,9	30,5	24,7	14,1	9,9	8,7	15,2	15,9	16,0	-	-

Fonte: Banco Central do Brasil

(1) As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

(2) Média das expectativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 25/09/2006.

INDICADORES MACROECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS

Tabela 8 - Indicadores macroeconômicos

	Produto Interno Bruto - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos							
Japão	4.363,11	4.650,95	4.090,19	3.911,58	4.237,07	4.587,15	4.567,44
Estados Unidos	9.268,43	9.816,98	10.127,95	10.469,60	10.960,75	11.712,48	12.455,83
Canadá	661,35	725,16	715,63	734,77	868,49	993,91	1.132,44
Reino Unido	1.467,03	1.445,19	1.435,63	1.574,47	1.814,64	2.155,16	2.229,47
Zona do Euro							
Alemanha	2.146,43	1.905,80	1.892,60	2.024,06	2.444,28	2.744,22	2.791,74
França	1.456,78	1.333,00	1.341,43	1.463,90	1.805,03	2.059,72	2.126,72
Itália	1.202,40	1.100,56	1.118,32	1.223,24	1.510,06	1.726,79	1.765,54
Países em Desenvolvimento							
América Latina e Caribe							
Argentina	283,52	284,20	268,70	97,73	127,64	151,96	181,55
Bolívia	8,30	8,41	8,15	7,92	8,10	8,75	9,36
Brasil	536,69	601,55	510,38	460,61	505,54	603,78	795,67
Chile	73,00	75,21	68,57	67,27	73,70	95,00	115,31
Colômbia	86,19	83,79	81,99	81,12	79,46	96,79	122,27
Equador	16,67	15,93	21,25	24,90	28,64	32,64	36,49
México	480,59	580,79	621,86	648,63	638,75	683,49	768,44
Paraguai	7,30	7,10	6,45	5,09	5,55	6,95	7,47
Peru	51,55	53,32	53,93	57,04	61,49	69,66	79,39
Uruguai	20,91	20,09	18,56	12,09	11,21	13,27	16,88
Venezuela	97,98	117,15	122,87	92,89	83,44	110,10	132,85
República Dominicana	17,58	19,89	21,94	21,63	16,46	18,44	29,09
Ásia e Pacífico							
China	1.083,28	1.198,48	1.324,81	1.453,84	1.640,97	1.931,64	2.234,13
Índia	442,38	462,64	474,10	493,54	575,27	665,58	771,95
Comunidade dos Estados Independentes							
Rússia	195,91	259,70	306,58	345,49	431,43	589,03	763,29

Fonte: FMI

Nota: Produto Interno Bruto ao câmbio vigente.

Tabela 9 - Indicadores macroeconômicos

Crescimento do Produto Interno Bruto (%)									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos	3,5	3,9	1,2	1,5	1,9	3,2	2,6	2,9	2,7
Japão	-0,2	2,9	0,4	0,1	1,8	2,3	2,6	2,7	2,4
Estados Unidos	4,4	3,7	0,8	1,6	2,5	3,9	3,2	3,3	3,0
Canadá	5,5	5,2	1,8	2,9	1,8	3,3	2,9	3,0	3,0
Reino Unido	3,0	3,8	2,4	2,1	2,7	3,3	1,9	2,6	2,7
Zona do Euro	3,0	3,9	1,9	0,9	0,8	2,1	1,3	2,2	2,0
Alemanha	1,9	3,1	1,2	0,0	-0,2	1,2	0,9	1,8	1,4
França	3,0	4,0	1,8	1,1	1,1	2,0	1,2	2,0	2,1
Itália	1,7	3,0	1,8	0,3	0,1	0,9	0,1	1,5	1,3
Países em Desenvolvimento	4,1	6,1	4,4	5,1	6,7	7,7	7,4	6,4	6,6
Africa	2,7	3,1	4,2	3,6	4,6	5,5	5,4	5,2	5,2
América Latina e Caribe	0,5	3,9	0,5	0,1	2,2	5,7	4,3	4,6	4,1
Argentina	-3,4	-0,8	-4,4	-10,9	8,8	9,0	9,2	7,3	5,7
Bolívia	0,4	2,5	1,7	2,5	2,9	3,9	4,1	3,7	3,5
Brasil	0,8	4,4	1,3	1,9	0,5	4,9	2,3	3,5	3,7
Chile	-0,8	4,5	3,4	2,2	3,9	6,2	6,3	5,3	5,6
Colômbia	-4,2	2,9	1,5	1,9	3,9	4,8	5,1	4,7	4,2
Equador	-6,3	2,8	5,3	4,2	3,6	7,9	4,7	4,1	3,2
México	3,8	6,6	0,0	0,8	1,4	4,2	3,0	4,0	3,6
Paraguai	-1,5	-3,3	2,1	0,0	3,8	4,1	2,9	3,3	3,5
Peru	0,9	3,0	0,2	5,2	3,9	5,2	6,4	5,7	5,1
Uruguai	-2,8	-1,4	-3,4	-11,0	2,2	11,8	6,6	4,5	3,9
Venezuela	-6,0	3,7	3,4	-8,9	-7,7	17,9	9,3	7,2	5,4
Republica Dominicana	8,1	7,8	4,0	4,5	-1,9	2,0	9,3	5,8	5,0
Ásia e Pacífico	6,2	7,0	6,1	7,0	8,4	8,8	9,0	8,2	8,0
China	7,1	8,4	8,3	9,1	10,0	10,1	10,2	9,5	9,6
Coréia do Sul	9,5	8,5	3,8	7,0	3,1	4,7	4,0	5,0	4,6
Indonésia	0,8	5,4	3,6	4,5	4,8	5,1	5,6	5,3	6,0
Tailândia	4,4	4,8	2,2	5,3	7,0	6,2	4,5	4,8	5,0
Índia	6,9	5,3	4,1	4,3	7,2	8,0	8,5	7,4	7,5
Comunidade dos Estados Independentes	5,2	9,0	6,3	5,3	7,9	8,4	6,5	6,8	6,5
Rússia	6,4	10,0	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	6,3	6,2

Fonte: FMI e Cepal

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 10 - Indicadores macroeconômicos

Variação Acumulada no ano dos índices de preço ao consumidor									
Inflação - %									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006P	2007P
Países Desenvolvidos	1,4	2,2	2,1	1,5	1,8	2	2,3	2,4	2,2
Japão	-0,3	-0,4	-0,8	-0,9	-0,3	0	-0,6	0,4	0,7
Estados Unidos	2,2	3,4	2,8	1,6	2,3	2,7	3,4	3,3	2,5
Canadá	1,7	2,7	2,5	2,3	2,7	1,8	2,2	2,1	2,1
Reino Unido	1,3	0,9	1,2	1,3	1,4	1,3	2	2,5	2,1
Zona do Euro	1,1	2,1	2,3	2,2	2,1	2,1	2,2	2,2	2,1
Alemanha	0,6	1,5	2	1,4	1	1,7	2	1,8	2,4
França	0,5	1,8	1,8	1,9	2,2	2,3	1,9	1,9	1,7
Itália	1,7	2,6	2,3	2,6	2,8	2,3	2,3	2,2	2,0
Países em Desenvolvimento	10,1	7,1	6,6	5,8	5,8	5,7	5,4	4,9	4,9
Africa	11,9	13,6	12,8	9,9	10,7	8	8,5	8,3	7,7
América Latina e Caribe	9,7	9,0	6,1	12,2	8,5	7,4	6,1	5,4	5,2
Argentina	-1,8	-0,7	-1,5	41	3,7	6,1	12,3	9,9	11,2
Bolívia	3,1	3,4	0,9	2,4	3,9	4,6	4,9	4,1	4,0
Brasil ⁽¹⁾	8,9	6	7,7	12,5	9,3	7,6	5,7	4,3	4,3
Chile	2,3	4,5	2,6	2,8	1,1	2,4	3,7	3,4	3,0
Colômbia	9,2	8,8	7,6	7	6,5	5,5	4,9	4,4	4,1
Equador	60,7	91	22,4	9,3	6,1	1,9	3,1	3,4	3,4
México	12,3	9	4,4	5,7	4	5,2	3,3	3,7	3,4
Paraguai	5,4	8,6	8,4	14,6	9,3	2,8	9,9	8,9	4,9
Peru	3,7	3,7	-0,1	1,5	2,5	3,5	1,5	2,1	2,5
Uruguai	4,2	5,1	3,6	25,9	10,2	7,6	4,9	6,2	5,2
Venezuela	20	13,4	12,3	31,2	27,1	19,2	14,4	13,7	14,7
Republica Dominicana	5,1	9	4,4	10,5	42,7	28,7	7,4	8,5	5,0
Ásia e Pacífico	2,5	1,7	2,7	2	2,5	4,1	3,5	3,7	3,6
China	-1,4	0,4	0,7	-0,8	1,2	3,9	1,8	2,4	2,9
Índia	4,7	3,9	3,7	4,5	3,7	3,9	4	5,0	4,9
Comunidade dos Estados Independentes	69,6	24,6	20,3	13,8	12	10,3	12,3	9,6	9,2
Rússia	85,7	20,8	21,5	15,8	13,7	10,9	12,6	10,2	9,1

Fonte: FMI, Banco Central do Brasil e Cepal

(1) IPCA da expectativa de mercado divulgada pelo Banco Central do Brasil em 19/05/2006.

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 11 - Indicadores macroeconômicos

Saldo das Contas Públicas - % do PIB									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006P	2007P
Países Desenvolvidos	-1,0	0,0	-1,5	-3,3	-3,9	-3,3	-2,7	-2,3	-2,2
Japão	-7,5	-7,7	-6,4	-8,2	-8,1	-6,3	-5,6	-5,2	-4,9
Estados Unidos	0,9	1,6	-0,4	-3,8	-4,8	-4,6	-3,7	-3,0	-2,8
Canadá	1,6	2,9	0,7	-0,1	0,0	0,7	1,7	0,7	0,6
Reino Unido	1,2	1,7	1,0	-1,6	-3,3	-3,2	-3,3	-3,1	-2,9
Zona do Euro	-1,3	-1,0	-1,9	-2,6	-3,0	-2,7	-2,2	-2,5	-2,3
Alemanha	-1,5	1,3	-2,8	-3,7	-4,0	-3,7	-3,3	-3,1	-2,4
França	-1,7	-1,5	-1,6	-3,2	-4,2	-3,7	-2,9	-2,9	-2,7
Itália	-1,7	-0,7	-3,1	-2,9	-3,4	-3,4	-4,1	-4,0	-4,1
Países em Desenvolvimento									
Africa	-	-	-	-	-	-0,5	2,1	1,1	0,4
América Latina e Caribe	-3,1	-2,7	-3,3	-3,2	-2,9	-1,9	-1,2	-0,7	-0,7
Argentina	-4,5	-3,3	-7,0	-0,8	1,6	3,5	-	2,0	1,8
Bolívia	-3,5	-3,7	-6,8	-8,8	-7,9	-5,5	-2,3	-	-
Brasil	-5,8	-3,6	-3,6	-4,6	-5,1	-2,7	-3,3	-2,9	-2,3
Chile	-3,3	-1,0	-0,4	-2,5	-1,6	2,4	-	6,8	3,5
Colômbia	-4,1	-4,0	-4,1	-3,5	-2,6	-0,9	-0,3	-1,4	-1,8
Equador	-4,9	1,5	0,0	0,8	1,6	2,1	0,7	2,9	-1,3
México	-1,1	-1,1	-0,7	-1,2	-0,6	-0,3	-0,1	0,0	0,0
Paraguai	-3,1	-4,0	-0,1	-1,9	1,1	2,3	1,5	-	-
Peru	-3,2	-3,4	-2,4	-2,3	-1,7	-1,0	-0,3	0,8	0,5
Uruguai	-3,8	-3,7	-4,0	-3,8	-2,8	-0,8	-0,3	-0,9	-0,8
Venezuela ⁽¹⁾	-1,7	-1,7	-4,4	-4,0	-4,4	-1,9	1,7	1,0	0,7
República Dominicana	-1,8	-2,1	-2,4	-2,7	-5,2	-4,0	-0,7	-	-
Ásia e Pacífico									
China	-3,2	-3,1	-2,8	-3,2	-2,7	-1,5	-1,1	-1,1	-1,5
Índia	-5,3	-5,6	-6,2	-5,9	-4,5	-4,0	-4,1	-7,5	-7,2
Comunidade dos Estados Independentes									
Rússia	-	-	-	-	1,3	4,5	7,7	6,6	5,3

Fonte: FMI, Cepal, Banco Mundial, Asian Development Bank e African Development Bank

(1) Governo Central

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 12 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Líquida do Setor Público - % do PIB							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos							
Japão	-	60,4	66,1	72,8	77,3	82,2	86,8
Estados Unidos	-	39,5	38,3	41,0	43,8	45,4	46,1
Canadá	-	65,3	60,2	58,0	51,5	46,7	41,9
Reino Unido	-	34,2	32,7	32,7	34,5	36,1	38,1
Zona do Euro	-	57,7	57,5	57,5	59,0	60,1	61,0
Alemanha	-	51,5	52,1	54,3	57,8	60,1	62,5
França	-	47,0	48,2	48,5	52,6	54,8	57,0
Itália	-	103,4	103,0	100,4	100,5	102,7	105,4
Países em Desenvolvimento							
América Latina e Caribe							
Argentina ⁽¹⁾	43,5	45,6	53,6	162,5	138,2	126,5	72,8
Bolívia ⁽¹⁾	71,4	72,3	79,8	84,1	93,3	88,7	81,5
Brasil	48,7	48,8	52,6	55,5	57,2	51,7	51,5
Chile	10,4	11,4	11,3	11,4	13,4	11,1	8,0
Colômbia ⁽¹⁾	50,0	57,8	62,9	71,5	67,7	62,6	60,2
Equador ⁽¹⁾	102,3	88,9	66,7	56,9	50,6	44,1	40,1
México	21,0	20,1	20,5	21,7	22,4	20,7	18,0
Paraguai ⁽¹⁾	34,2	35,9	44,7	63,9	47,4	42,1	35,0
Peru ⁽¹⁾⁽²⁾	49,1	46,1	45,2	46,8	47,3	43,3	39,8
Uruguai	27,4	31,0	39,4	84,0	76,5	63,3	52,1
Venezuela ⁽¹⁾	28,9	26,7	30,0	42,0	45,9	38,8	33,7
Republica Dominicana ⁽¹⁾	21,1	18,9	19,6	23,9	44,2	25,5	26,6

Fonte: FMI, CEPAL e Banco Central do Brasil

(1) Para esses países o indicador refere-se à dívida bruta do setor público

(2) Governo Central

Tabela 13 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Externa - US\$ Bilhões							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005 E
América Latina e Caribe	762,7	738,6	744,6	733,1	757,6	761,1	658,0
Argentina	152,6	155,0	166,3	156,7	164,6	171,1	113,5
Bolívia	4,6	4,5	4,5	4,4	5,1	5,0	4,9
Brasil	225,6	216,9	209,9	210,7	214,9	201,4	169,4
Chile	34,8	37,2	38,5	40,5	43,1	43,5	45,0
Colômbia	36,7	36,1	39,1	37,3	38,0	39,4	38,3
Equador	16,3	13,6	14,4	16,3	16,6	17,0	18,9
México	166,4	148,7	144,5	135,0	132,3	130,9	127,1
Paraguai	2,7	2,9	2,7	2,9	3,0	2,9	2,8
Peru	28,6	28,0	27,2	27,9	29,6	31,1	28,6
Uruguai	8,3	8,9	8,9	10,5	11,0	11,6	11,4
Venezuela	37,0	36,4	35,4	35,5	39,7	44,5	47,2
Republica Dominicana	3,7	3,7	4,2	4,5	6,0	6,4	6,8

Fonte: Estudio Económico de América Latina y el Caribe 2005-2006 (Julho/06)

Tabela 14 - Indicadores macroeconômicos

	Exportação - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos							
Japão	417,6	479,2	403,5	416,7	471,8	565,7	595,8
Estados Unidos	695,8	781,9	729,1	693,1	724,8	818,8	904,3
Canadá	238,4	276,6	259,9	252,4	272,7	316,5	359,6
Reino Unido	272,2	285,4	272,7	280,2	305,6	347,5	377,9
Zona do Euro							
Alemanha	543,5	551,8	571,6	615,8	751,6	909,9	970,7
França	325,5	327,6	323,4	331,7	392,0	452,1	459,2
Itália	235,6	240,5	244,5	254,4	299,3	353,8	366,8
Países em Desenvolvimento							
Africa	116,7	147,1	137,4	140,6	176,5	230,0	295,8
América Latina e Caribe	300,7	362,2	347,1	349,7	382,4	469,0	564,3
Argentina	23,3	26,3	26,5	25,7	29,7	34,6	40,0
Bolívia	1,1	1,2	1,3	1,3	1,6	2,1	2,7
Brasil	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	96,5	118,3
Chile	17,2	19,2	18,3	18,2	21,5	32,0	39,5
Colômbia	11,6	13,0	12,3	11,9	13,1	16,2	21,2
Equador	4,5	4,9	4,7	5,0	6,2	7,8	9,8
México	136,4	166,4	158,5	160,7	165,4	188,0	213,7
Paraguai	0,7	0,9	1,0	1,0	1,2	1,6	1,5
Peru	6,1	7,0	7,0	7,7	9,1	12,6	17,2
Uruguai	2,2	2,3	2,1	1,9	2,2	3,0	3,4
Venezuela	21,0	33,5	26,7	26,8	27,2	38,7	56,2
Republica Dominicana	5,1	5,7	5,3	5,2	5,5	5,8	5,9
Ásia e Pacífico	1.547,2	1.836,2	1.673,3	1.808,2	2.136,6	2.652,3	3.045,1
China	194,9	249,2	266,1	325,6	438,2	593,3	762,0
Índia	35,7	42,4	43,4	49,3	57,1	75,6	89,8
Comunidade dos Estados Independentes	106,5	145,7	144,3	153,2	194,6	265,5	341,9
Rússia	75,7	105,6	101,9	107,3	135,9	183,2	245,3
Total	5.713,0	6.451,0	6.184,0	6.484,0	7.572,0	9.191,0	10.393,0

Fonte: OMC

Tabela 15 - Indicadores macroeconômicos

Importação - US\$ Bilhões							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos							
Japão	310,0	379,5	349,1	337,2	382,9	454,5	516,1
Estados Unidos	1059,4	1259,3	1179,2	1200,2	1303,1	1525,5	1732,7
Canadá	220,2	244,8	227,3	227,5	245,0	279,8	320,1
Reino Unido	324,9	343,8	333,0	346,3	392,0	470,6	501,2
Zona do Euro							
Alemanha	474,0	497,2	486,1	490,3	604,6	715,7	774,1
França	315,7	338,9	328,6	329,3	398,8	470,9	495,8
Itália	220,6	238,8	236,2	247,0	297,5	355,3	379,7
Países em Desenvolvimento							
Africa	128,2	129,6	134,7	136,4	164,8	212,8	247,8
América Latina e Caribe	332,4	388,5	380,1	354,7	366,6	447,0	525,6
Argentina	25,5	25,2	20,3	9,0	13,8	22,4	28,7
Bolívia	1,8	1,8	1,7	1,8	1,6	1,8	2,2
Brasil	51,7	58,6	58,4	49,6	50,9	66,4	77,6
Chile	16,0	18,5	17,4	17,1	19,4	24,9	32,5
Colômbia	10,7	11,5	12,8	12,7	13,9	16,7	21,2
Equador	3,0	3,7	5,4	6,4	6,6	7,9	9,6
México	146,1	182,7	176,2	176,6	178,5	206,1	231,7
Paraguai	1,9	2,2	2,2	1,7	2,1	3,1	2,9
Peru	7,4	7,4	7,3	7,5	8,4	10,1	12,5
Uruguai	3,4	3,5	3,1	2,0	2,2	3,1	3,4
Venezuela	14,1	16,2	18,3	13,0	9,3	16,8	24,9
Republica Dominicana	8,0	9,5	8,8	8,8	7,6	7,8	9,2
Ásia e Pacífico	1364,0	1677,1	1557,1	1653,4	1971,7	2480,9	2871,0
China	165,7	225,1	243,6	295,2	412,8	561,2	660,1
Índia	47,0	51,5	50,4	56,5	71,2	97,3	131,6
Comunidade dos Estados Independentes	70,6	81,5	94,4	104,0	132,3	173,2	215,8
Rússia	39,5	44,7	53,8	61,0	76,1	97,4	125,1
Total	5919,0	6724,0	6482,0	6734,0	7855,0	9545,0	10753,0

Fonte: OMC

Tabela 16 - Indicadores macroeconômicos

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006 P	2007 P
Países Desenvolvidos								-	-
Japão	107,6	99,7	54,4	79,5	88,9	111,1	79,7	62,3	85,6
Estados Unidos	-363,6	-477,4	-450,1	-507,1	-578,3	-706,7	-828,4	-778,3	-802,1
Canadá	18,3	31,8	32,6	24,9	27,7	36,8	39,5	50,3	57,2
Reino Unido	-52,7	-58,4	-60,3	-66,1	-86,3	-123,1	-123,4	-99,8	-114,3
Zona do Euro								119,5	135,8
Alemanha	69,5	54,6	85,5	125,5	146,9	194,1	196,6	148,8	168,0
França	9,8	-11,3	-5,2	2,5	-6,8	-18,8	-36,6	-18,4	-13,3
Itália	14,9	1,8	8,3	7,4	1,8	-1,5	-12,9	-10,9	-17,3
Países em Desenvolvimento								-	-
África	-11,5	17,5	2,7	4,2	11,7	17,2	48,0	-	-
América Latina e Caribe	-31,7	-26,3	-32,9	-5,0	15,8	22,0	38,7	103,0	95,7
Argentina	-2,2	1,2	6,2	16,7	15,9	12,1	11,4	10,8	10,6
Bolívia	-0,7	-0,6	-0,4	-0,5	0,0	0,3	0,5	-	-
Brasil	-3,7	-3,5	-0,2	10,8	22,2	30,1	40,7	40,7	35,4
Chile	1,2	0,7	0,8	1,1	2,1	7,1	7,0	19,0	13,4
Colômbia	0,9	1,5	-0,5	-0,8	-0,8	-0,5	0,0	0,4	-0,2
Equador	1,4	1,2	-0,7	-1,4	-0,4	-0,1	0,2	-	-
México	-9,7	-16,3	-17,6	-15,9	-13,1	-18,1	-18,0	-9,9	-15,6
Paraguai	-1,2	-1,3	-1,2	-0,7	-0,9	-1,5	-1,4	-	-
Peru	-1,3	-0,4	-0,3	0,2	0,7	2,5	4,7	6,0	5,7
Uruguai	-1,1	-1,2	-1,0	-0,1	0,0	-0,1	0,0	-	-
Venezuela	6,9	17,3	8,3	13,8	17,9	21,9	31,3	30,3	30,0
Republica Dominicana	-2,9	-3,7	-3,5	-3,7	-2,2	-2,0	-3,3	-	-
Ásia e Pacífico	183,2	159,1	116,2	154,8	164,9	171,4	174,1	-	-
China	29,2	24,1	22,5	30,4	25,5	32,1	101,9	-	-
Índia	-11,3	-9,1	-7,0	-7,3	-14,2	-21,8	-41,8	-	-
Comunidade dos Estados Independentes	35,9	64,2	49,9	49,2	62,3	92,3	126,1	-	-
Rússia	36,1	60,9	48,1	46,3	59,9	85,8	120,1	-	-
Total	-206,0	-273,0	-298,0	-250,0	-283,0	-354,0	-360,0	-	-

Fonte: OMC

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 17 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - US\$ Bilhões							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos	-114,8	-267,1	-214,6	-229,5	-221,9	-267,2	-486,3
Japão	114,5	119,6	87,8	112,6	136,2	172,1	165,7
Estados Unidos	-299,8	-415,2	-389,0	-472,4	-527,5	-665,3	-791,5
Canadá	1,7	19,7	16,2	12,6	10,1	21,3	26,3
Reino Unido	-35,1	-37,6	-31,5	-24,8	-24,4	-35,4	-48,3
Zona do Euro	23,2	-40,9	3,6	42,4	34,4	82,5	-2,6
Alemanha	-26,9	-32,6	0,4	41,0	45,6	101,9	114,9
França	42,0	18,0	21,5	14,5	7,9	-7,0	-33,6
Itália	5,9	-6,1	-0,9	-8,1	-19,9	-15,6	-28,5
Países em Desenvolvimento	-24,0	79,6	40,0	78,5	147,8	211,9	424,7
Africa	-15,0	7,2	0,4	-7,8	-3,1	-0,4	18,4
América Latina e Caribe	-56,6	-48,6	-54,1	-16,2	6,8	18,2	33,7
Argentina	-12,0	-9,0	-3,4	9,1	8,2	3,1	5,0
Bolívia	-0,5	-0,4	-0,3	-0,4	0,0	0,4	0,5
Brasil	-25,7	-24,2	-24,0	-8,1	4,2	10,8	12,1
Chile	0,1	-0,9	-1,1	-0,6	-1,0	1,5	0,6
Colômbia	0,7	0,8	-1,1	-1,4	-1,0	-0,9	-1,7
Equador	1,0	0,9	-0,6	-1,3	-0,4	-0,5	-0,1
México	-14,2	-18,7	-18,0	-13,6	-8,5	-6,2	-4,3
Paraguai	-0,2	-0,2	-0,3	0,1	0,1	0,1	-0,1
Peru	-1,5	-1,5	-1,2	-1,1	-0,9	0,0	0,9
Uruguai	-0,5	-0,6	-0,5	0,4	-0,1	0,0	-0,1
Venezuela	2,2	11,9	2,0	7,6	11,2	12,5	22,3
Republica Dominicana	-0,5	-1,0	-0,8	-0,8	1,0	1,0	-0,1
Ásia e Pacífico	38,3	38,2	37,7	66,9	86,1	94,2	165,3
China	15,7	20,5	17,4	35,4	45,9	68,7	160,8
Índia	-3,2	-4,6	1,4	7,1	8,8	1,4	-11,9
Comunidade dos Estados Independentes	23,7	48,2	33,1	30,2	35,9	62,5	87,7
Rússia	24,6	46,8	33,9	29,1	35,4	58,6	83,6
Total	-138,8	-187,4	-174,6	-151,0	-74,2	-55,3	-61,6

Fonte: FMI e Cepal

Tabela 18 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - % do PIB									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006P	2007P
Países Desenvolvidos	-0,5	-1,1	-0,9	-0,9	-0,8	-0,8	-1,4	-1,9	-2,0
Japão	2,6	2,6	2,1	2,9	3,2	3,8	3,6	3,8	4,1
Estados Unidos	-3,2	-4,2	-3,8	-4,5	-4,8	-5,7	-6,4	-6,7	-6,9
Canadá	0,3	2,7	2,3	1,7	1,2	2,1	2,3	2,2	1,6
Reino Unido	-2,4	-2,6	-2,2	-1,6	-1,3	-1,6	-2,2	-2,7	-3,1
Zona do Euro	0,3	-0,7	0,1	0,6	0,4	0,9	0	-0,4	-0,3
Alemanha	-1,3	-1,7	0	2	1,9	3,7	4,1	3,7	3,8
França	2,9	1,3	1,6	1	0,4	-0,3	-1,6	-2,2	-2,2
Itália	0,5	-0,6	-0,1	-0,7	-1,3	-0,9	-1,6	-1,8	-1,7
Países em Desenvolvimento	-0,2	1,4	0,7	1,3	2	2,5	4,1	2,9	2,4
Africa	-3,4	1,6	0,1	-1,6	-0,5	-0,1	2,3	3,9	4,1
América Latina e Caribe	-3,1	-2,4	-2,7	-0,8	0,5	1,0	1,5	1,4	1,0
Argentina	-4,2	-3,2	-1,2	8,5	6,2	2,1	2,9	2,2	1,6
Bolívia	-5,9	-5,3	-3,4	-4,4	0,8	3,8	4,9	5,0	4,8
Brasil	-4,7	-4	-4,6	-1,7	0,8	1,9	1,8	0,9	0,6
Chile	0,1	-1,2	-1,6	-0,9	-1,3	1,7	0,6	1,8	0,1
Colômbia	0,8	0,9	-1,3	-1,7	-1,2	-1	-1,6	-1,7	-1,9
Equador	5,5	5,8	-3,3	-5,6	-1,2	-0,5	-0,4	3,0	2,4
México	-2,9	-3,2	-2,8	-2,1	-1,4	-1,0	-0,6	-0,5	-1,0
Paraguai	-2,3	-2,3	-4,1	1,8	2,3	1,2	-1,4	-2,5	-2,0
Peru	-2,8	-2,9	-2,1	-1,9	-1,5	0,0	1,3	1,1	0,8
Uruguai	-2,4	-2,8	-2,7	3,1	-0,5	0,3	-0,5	-2,7	-2,4
Venezuela	2,2	10,1	1,6	8,2	13,7	12,6	18,1	15,7	14,9
Republica Dominicana	-2,0	-4,4	-3	-3,2	5,3	5,3	-0,4	-2,4	-2,9
Ásia e Pacífico	1,8	1,7	1,6	2,5	2,9	2,7	4,2	4,0	3,7
China	1,4	1,7	1,3	2,4	2,8	3,6	7,2	6,3	6,0
Índia	-0,7	-1	0,3	1,4	1,5	0,2	-1,5	-2,3	-2,5
Comunidade dos Estados Independentes	8,2	13,6	8	6,5	6,3	8,1	8,8	10,1	9,4
Rússia	12,6	18	11,1	8,4	8,2	9,9	10,9	11,6	9,2

Fonte: FMI e Cepal

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 19 - Indicadores macroeconômicos

Ingressos de Investimento Externo Direto - US\$ Bilhões							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005E
Países Desenvolvidos	849,1	1.134,3	596,3	547,8	441,7	414,7	573,2
Japão	12,7	8,3	6,2	9,2	6,3	7,8	9,4
Estados Unidos	283,4	314,0	159,5	71,3	56,8	95,9	106,0
Canadá	24,7	66,8	27,7	21,5	6,3	6,3	-
Reino Unido	88,0	118,8	52,6	24,0	27,4	77,6	219,1
Zona do Euro	-	-	-	-	-	-	-
Alemanha	56,1	198,3	26,4	50,5	27,3	-38,6	-
França	46,5	43,3	50,5	49,0	42,5	24,3	-
Itália	6,9	13,4	14,9	14,5	16,4	16,8	-
Países em Desenvolvimento	232,5	253,2	217,8	155,5	172,1	243,1	273,5
Africa	11,9	9,6	20,0	13,0	17,2	18,7	28,9
América Latina e Caribe	108,6	97,5	89,1	50,5	48,0	68,9	72,0
Argentina	24,0	10,4	2,2	2,1	1,7	4,3	4,7
Bolívia	1,0	0,7	0,7	0,7	0,2	0,1	-0,3
Brasil	28,6	32,8	22,5	16,6	10,1	18,1	15,1
Chile	8,8	4,9	4,2	2,5	4,3	7,2	7,2
Colômbia	1,5	2,4	2,5	2,1	1,8	3,1	10,2
Equador	0,6	0,7	1,3	1,3	1,6	1,2	1,6
México	13,1	17,6	27,2	18,3	14,2	18,7	18,1
Paraguai	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,1
Peru	1,9	0,8	1,1	2,2	1,3	1,8	2,5
Uruguai	0,2	0,3	0,3	0,2	0,4	0,3	0,6
Venezuela	2,9	4,7	3,7	0,8	2,7	1,5	3,0
Republica Dominicana	1,3	1,0	1,1	0,9	0,6	0,8	0,9
Ásia e Pacífico	112,0	146,0	108,7	92,0	106,9	155,5	172,7
China	40,3	40,7	46,9	52,7	53,5	60,6	60,3
Índia	2,2	2,3	3,4	3,4	4,3	5,3	6,0
Comunidade dos Estados Independentes	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	3,3	2,7	2,7	3,5	8,0	12,5	26,1
Total	1.092,1	1.396,5	825,9	716,1	637,8	695,0	896,7

Fonte: UNCTAD e CEPAL

Tabela 20 - Indicadores macroeconômicos

Reservas - US\$ Bilhões							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos							
Japão	288,1	356,0	396,2	462,4	664,6	835,2	835,9
Estados Unidos	73,1	68,5	69,2	80,4	88,5	90,1	67,2
Canadá	28,2	32,0	34,0	37,0	36,2	34,4	33,0
Reino Unido	36,9	44,6	37,8	39,8	42,4	45,9	44,1
Zona do Euro							
Alemanha	66,4	62,0	56,3	56,4	56,4	54,8	50,7
França	44,4	41,5	36,0	33,0	35,2	40,5	32,3
Itália	26,2	29,2	27,9	32,4	34,5	32,1	29,5
Países em Desenvolvimento	717,0	807,5	903,0	1.082,9	1.408,5	1.861,9	2.399,0
Africa	42,1	54,3	64,5	72,2	90,6	126,7	168,9
América Latina e Caribe	143,4	156,1	159,2	161,3	196,2	221,4	254,3
Argentina	26,3	25,1	14,6	10,5	14,2	19,0	27,3
Bolívia	1,0	0,9	0,9	0,6	0,7	0,9	1,3
Brasil	36,3	33,0	35,9	37,8	49,3	52,9	53,8
Chile	14,7	15,0	14,4	15,3	15,8	16,0	16,9
Colômbia	8,0	8,9	10,2	10,7	10,8	13,4	14,8
Equador	1,6	0,9	0,8	0,7	0,8	1,1	1,7
México	31,8	35,5	44,8	50,6	59,0	64,1	74,1
Paraguai	1,0	0,8	0,7	0,6	1,0	1,2	1,3
Peru	8,7	8,4	8,7	9,3	9,8	12,2	13,6
Uruguai	2,1	2,5	3,1	0,8	2,1	2,5	3,1
Venezuela	12,3	13,1	9,2	8,5	16,0	18,4	23,9
Republica Dominicana	0,7	0,6	1,1	0,5	0,3	0,8	1,8
Ásia e Pacífico	307,7	321,9	380,5	497,1	670,4	934,4	1.167,5
China	158,3	168,9	216,3	292,0	409,2	615,5	822,6
Índia	33,2	38,4	46,4	68,2	99,5	127,2	141,7
Comunidade dos Estados Independentes	16,5	33,2	44,2	58,3	92,8	149,2	225,7
Rússia	9,1	24,8	33,1	44,6	73,8	121,5	186,3

Fonte: Banco Central do Brasil, FMI e Banco Mundial

Nota: As projeções para 2005 e 2006 são médias das tabelas de previsões das instituições.

OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS

Tabela 21 - Indicadores econômicos

Preços Médios de Commodities: 2003 a 2006 ¹											
	Unidade	2003	2004	2005	05 T2	05 T3	05 T4	06 T1	06 T2	jul/06	ago/06
Alimentos											
Cereais											
Trigo	\$/MT	146	157	152	142	151	164	174	190	202	190
Milho	\$/MT	105	112	98	96	100	100	105	109	114	115
Arroz	\$/MT	199	246	288	294	283	282	293	302	312	313
Cevada	\$/MT	105	99	95	92	98	100	102	105	112	115
Óleos vegetais e proteínas											
Soja	\$/MT	233	277	223	239	232	213	214	214	217	204
Farelo de soja	\$/MT	215	257	206	223	217	196	198	193	187	176
Óleo de soja	\$/MT	500	590	496	510	516	493	499	542	587	563
Óleo de palmeira	\$/MT	410	435	368	372	367	376	384	389	404	434
Óleo de coco	\$/MT	462	673	620	659	569	571	576	576	583	603
Farinha de peixe	\$/MT	650	693	744	696	741	832	909	949	959	1251
Óleo de girassol	\$/MT	650	734	1.145	1158	1152	1152	833	673	673	673
Óleo de oliva	\$/MT	3.797	4.631	5.519	5493	5500	5559	5772	5637	5513	5576
Amendoim	\$/MT	856	910	769	762	704	700	717	759	845	894
Carne											
Bovina	cts/lb	90	114	119	120	121	116	113	112	115	118
Ovina	cts/lb	160	166	161	164	155	149	145	147	156	170
Suína	cts/lb	53	71	68	70	68	62	58	66	70	72
Aves	cts/lb	66	76	74	74	75	73	69	68	70	70
Frutos do mar											
Peixe	\$/kg	3.0	3.3	4.1	4.1	4.3	4.0	4.2	6,1	6,1	6,2
Camarão	\$/lb	11.5	10.4	9.9	9.8	9.3	9.5	9.8	10,1	10,5	9,8
Açúcar											
Mercado livre	cts/lb	6.9	7.5	10.1	8.7	10.1	12.4	17.1	16,7	15,9	13,0
Estados Unidos	cts/lb	21	21	21	21	21	22	24	23	22	21
EU	cts/lb	27	30	30	31	30	29	29	30	31	31
Banana	\$/MT	375	525	577	569	463	510	792	777	585	546
Laranja	\$/MT	683	855	842	1065	752	722	809	755	734	831
Bebidas											
Café											
Outros suaves	cts/lb	64	80	114	125	105	106	118	108	103	112
Robusta	cts/lb	38	37	53	58	55	55	65	64	69	76
Cacau	\$/MT	1.753	1.551	1.545	1.545	1.492	1.465	1.556	1.584	1.673	1.613
Metais											
Cobre	\$/MT	1.779	2.863	3.676	3.387	3.750	4.304	4.948	7.229	7.727	7.690
Alumínio	\$/MT	1.433	1.719	1.901	1.788	1.831	2.081	2.423	2.656	2.512	2.462
Minério de ferro	cts/DMTU	32	38	65	65	65	65	77	77	77	77
Estanho	\$/MT	4.890	8.481	7.385	7.946	7.060	6.451	7.602	8.504	8.356	8.437
Níquel	\$/MT	9.630	13.821	14.778	16.418	14.568	12.719	14.854	19.915	26.186	30.469
Zinco	\$/MT	828	1.048	1.381	1.272	1.298	1.638	2.246	3.270	3.321	3.340
Chumbo	\$/MT	514	882	974	983	893	1.046	1.240	1.101	1.053	1.179
Urânio	\$/lb	11.2	18.0	27.9	26.8	29.8	33.9	38.1	43	47	47
Energia											
Spot cru (APSP ²)											
U.K. Brent	\$/bbl	28.9	37.8	53.4	50.8	60.0	56.5	61.0	68,3	72,5	71,8
Dubai	\$/bbl	28.9	38.3	54.4	51.6	61.6	56.9	61.9	69,8	73,9	73,6
West Texas Intermediate	\$/bbl	26.7	33.5	49.2	47.7	55.3	52.7	57.8	64,7	69,0	68,8
Gás natural	\$/bbl	31.1	41.4	56.4	53.1	63.1	60.0	63.3	70,5	74,4	73,0
Russo na Alemanha	\$/000M3	125.5	135.2	212.9	198.4	220.7	250.6	275.8	293,0	302,4	302,4
Indonésio no Japão (LNG)	\$/M3	104.8	123.9	148.0	145.9	154.2	162.8	162,3	175,4	181,8	181,8
EUA, doméstico	\$/000M3	197.8	212.7	319.0	250.0	355.0	443.8	277.1	235,4	222,2	256,8
Carvão											
Australiano	\$/MT	28.0	56.7	51.0	54.8	51.9	42.4	50.2	56,4	56,5	54,6
Sulfricano	\$/MT	30.0	54.7	46.1	46.8	49.1	40.6	49.5	52,6	51,7	53,6

¹ Número provisórios a partir de 2006 T2.² Average Petroleum Spot Price. Média ponderada igualmente dos preços de UK Brent, Dubai e West Texas Intermediate.

Fonte: FMI

Tabela 22 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas (em R\$)			
Mês	US\$	Euro	Libra
jan/04	2,85	3,60	5,20
fev/04	2,93	3,70	5,46
mar/04	2,91	3,57	5,32
abr/04	2,91	3,49	5,26
mai/04	3,10	3,71	5,52
jun/04	3,13	3,81	5,73
jul/04	3,04	3,74	5,60
ago/04	3,00	3,67	5,48
set/04	2,89	3,54	5,20
out/04	2,85	3,57	5,17
nov/04	2,79	3,63	5,20
dez/04	2,72	3,65	5,26
jan/05	2,69	3,55	5,07
fev/05	2,60	3,39	4,92
mar/05	2,70	3,57	5,16
abr/05	2,58	3,35	4,90
mai/05	2,45	3,14	4,59
jun/05	2,41	2,94	4,40
jul/05	2,37	2,86	4,16
ago/05	2,36	2,90	4,23
set/05	2,29	2,82	4,16
out/05	2,26	2,71	3,98
nov/05	2,21	2,61	3,84
dez/05	2,28	2,71	3,98
jan/06	2,27	2,76	4,02
fev/06	2,16	2,59	3,79
mar/06	2,15	2,59	3,75
abr/06	2,13	2,62	3,77
mai/06	2,26	2,99	4,38
jun/06	2,21	2,79	4,03
jul/06	2,19	2,78	4,06
ago/06	2,13	2,74	4,06

Fonte: Banco Central do Brasil e BNDES.

Tabela 23 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas - final de período (em u.m./US\$)					
Mês	Peso argentino	Peso chileno	Peso colombiano ⁽¹⁾	Peso mexicano	Peso uruguaio
jan/04	2,95	600,05	2.749	11,10	29,45
fev/04	2,93	595,00	2.718	11,08	29,50
mar/04	2,87	619,80	2.671	11,19	29,75
abr/04	2,86	627,45	2.636	11,41	29,65
mai/04	2,97	631,45	2.719	11,44	29,78
jun/04	2,97	635,85	2.717	11,52	29,72
jul/04	2,98	638,65	2.654	11,41	29,43
ago/04	3,00	625,80	2.599	11,38	28,75
set/04	2,98	606,90	2.552	11,41	27,59
out/04	2,98	616,25	2.581	11,54	26,90
nov/04	2,94	589,05	2.530	11,26	26,72
dez/04	2,98	559,20	2.417	11,17	26,11
jan/05	2,97	585,95	2.363	11,25	24,97
fev/05	2,94	575,85	2.340	11,09	25,35
mar/05	2,92	586,75	2.354	11,21	25,48
abr/05	2,91	585,65	2.350	11,10	25,08
mai/05	2,88	579,65	2.339	10,89	24,15
jun/05	2,89	579,25	2.327	10,74	24,63
jul/05	2,86	563,15	2.324	10,60	24,48
ago/05	2,91	543,35	2.306	10,83	24,23
set/05	2,92	529,80	2.295	10,79	23,88
out/05	3,01	546,75	2.293	10,84	23,34
nov/05	2,97	515,33	2.280	10,59	23,44
dez/05	3,03	513,75	2.278	10,66	23,70
jan/06	3,06	524,25	2.275	10,45	24,18
fev/06	3,08	517,00	2.255	10,47	24,28
mar/06	3,08	527,95	2.265	10,92	24,30
abr/06	3,04	517,90	2.355	11,11	24,05
mai/06	3,09	533,65	2.426	11,34	24,00
jun/06	3,09	538,85	2.552	11,34	23,75
jul/06	3,07	541,25	2.509	10,96	23,89
ago/06	3,10	540,14	2.388	10,91	23,91

Fonte: BCRP e Mecon

(1) Média de período

Tabela 24 - Indicadores econômicos

Taxas de Juros (em % ao ano)						
Mês	TJLP	Selic (1)	TR (2)	Libor (3)		
				6 meses	12 meses	60 meses
jan/04	10,00	16,32	1,55	1,19	1,40	3,56
fev/04	10,00	16,30	0,64	1,12	1,41	3,46
mar/04	10,00	16,19	1,97	1,16	1,33	3,17
abr/04	9,75	15,96	1,11	1,26	1,56	3,66
mai/04	9,75	15,77	1,87	1,50	1,97	4,31
jun/04	9,75	15,80	2,13	1,78	2,32	4,40
jul/04	9,75	15,77	2,26	1,89	2,33	4,24
ago/04	9,75	15,86	2,32	1,94	2,30	4,11
set/04	9,75	16,09	2,09	2,08	2,35	3,87
out/04	9,75	16,41	1,41	2,21	2,46	3,82
nov/04	9,75	16,96	1,45	2,46	2,76	3,96
dez/04	9,75	17,50	2,66	2,70	3,00	4,05
jan/05	9,75	17,93	2,28	2,87	3,20	4,04
fev/05	9,75	18,47	1,36	3,02	3,35	4,15
mar/05	9,75	18,97	3,06	3,26	3,65	4,57
abr/05	9,75	19,32	2,55	3,38	3,75	4,56
mai/05	9,75	19,61	3,07	3,46	3,74	4,36
jun/05	9,75	19,75	3,48	3,60	3,81	4,19
jul/05	9,75	19,72	3,13	3,82	4,03	4,38
ago/05	9,75	19,75	3,86	4,01	4,26	4,58
set/05	9,75	19,61	3,21	4,03	4,20	4,42
out/05	9,75	19,25	2,68	4,33	4,55	4,75
nov/05	9,75	18,87	2,46	4,54	4,78	4,95
dez/05	9,75	18,24	2,63	4,55	4,83	4,93
jan/06	9,00	17,65	2,70	4,72	4,83	4,82
fev/06	9,00	17,28	1,02	4,90	5,06	5,05
mar/06	9,00	16,74	2,29	5,04	5,17	5,18
abr/06	8,15	16,19	1,20	5,19	5,32	5,36
mai/06	8,15	15,70	1,88	5,32	5,42	5,47
jun/06	7,50	15,18	2,35	5,62	5,74	5,75
jul/06	7,50	14,98	2,12	5,54	5,59	5,49
ago/06	7,50	14,66	2,70	5,46	5,47	5,29

Fonte: Banco Central do Brasil e BNDES.

Nota: (1) Selic acumulada no mês anualizada; (2) Taxa Referencial do primeiro dia do mês anualizada; (3) Média

Tabela 25 - Indicadores econômicos

Índices de Ações em dólares - final de período (em pontos base)						
Mês	Bovespa (Brasil)	Dow Jones (EUA)	Nasdaq (EUA)	Merval (Argentina)	IGPA (Chile)	IPC (México)
jan/04	8.192	10.488	2.066	407,6	12,5	845
fev/04	7.480	10.584	2.030	382,3	12,5	897
mar/04	7.546	10.357	1.995	422,0	12,5	917
abr/04	7.508	10.229	1.920	407,5	12,3	941
mai/04	6.085	10.188	1.987	327,2	11,3	859
jun/04	6.465	10.435	2.048	313,8	11,4	893
jul/04	7.146	10.140	1.887	327,5	12,2	875
ago/04	7.423	10.174	1.838	316,2	12,6	883
set/04	7.850	10.080	1.897	350,0	13,5	929
out/04	8.206	10.027	1.975	402,7	14,3	977
nov/04	8.612	10.428	2.097	423,8	14,8	1.046
dez/04	9.422	10.800	2.178	431,8	15,6	1.116
jan/05	9.066	10.490	2.062	454,1	15,2	1.132
fev/05	10.181	10.766	1.052	512,0	15,7	1.220
mar/05	10.203	10.504	1.999	496,9	15,9	1.187
abr/05	9.895	10.193	1.922	470,3	16,1	1.105
mai/05	10.137	10.467	2.068	497,3	15,9	1.159
jun/05	10.543	10.275	2.057	504,0	16,1	1.236
jul/05	10.638	10.641	2.185	503,1	16,8	1.311
ago/05	11.442	10.482	2.152	527,4	18,1	1.365
set/05	13.012	10.569	2.153	561,9	18,4	1.428
out/05	13.238	10.440	2.120	546,8	18,7	1.417
nov/05	14.068	10.806	2.233	541,7	18,0	1.532
dez/05	14.510	10.718	2.205	508,4	18,0	1.658
jan/06	15.977	10.865	2.306	547,0	17,9	1.774
fev/06	17.453	11.062	2.287	556,8	18,2	1.775
mar/06	17.562	11.151	2.340	583,1	18,6	1.773
abr/06	18.407	11.367	2.323	611,2	19,2	1.800
mai/06	15.834	11.094	2.165	535,8	18,6	1.647
jun/06	16.919	11.150	2.172	554,6	18,4	1.688
jul/06	17.027	11.186	2.091	553,9	18,3	1.833
ago/06	16.899	11.381	2.184	537,0	19,1	1.929

Fonte: Banco Central do Brasil e Mecon